

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino
de Leitura e Produção de Texto - Proleitura

Roberto Pinheiro Araújo

O DIÁLOGO ÉTICO EM CONTRAPONTO À DIALÉTICA ERÍSTICA – Interfaces
entre o ensino de Língua Portuguesa e a Filosofia

Belém-Pará
2024

Roberto Pinheiro Araújo

**O DIÁLOGO ÉTICO EM CONTRAPONTO À DIALÉTICA ERÍSTICA – Interfaces
entre o ensino de Língua Portuguesa e a Filosofia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto (Proleitura), como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Ensino de Leitura e Produção de Textos.

Orientadora: Me. Allana Mátar de Figueiredo

Belém-Pará
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

Realizou-se, no dia 26 de agosto de 2024, às 18:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *O DIÁLOGO ÉTICO EM CONTRAPONTO À DIALÉTICA ERÍSTICA – INTERFACES ENTRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FILOSOFIA*, apresentado por ROBERTO PINHEIRO ARAUJO, número de registro 2023662022, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Allana Mátar de Figueiredo - Orientadora, Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (UFMG), Prof. Fabiano Veliq Barbosa (PUC/MG).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2024.

Profa. Allana Mátar de Figueiredo (Mestra)

Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (Doutora)

Prof. Fabiano Veliq Barbosa (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Lima de Abreu Aoki, Professora do Magistério Superior**, em 28/08/2024, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiano Veliq Barbosa, Assistente em Administração**, em 28/08/2024, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Allana Mátar de Figueiredo, Professora do Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 28/08/2024, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3503324** e o código CRC **A580F3E8**.

AGRADECIMENTOS

Estudar na prestigiada Universidade Federal de Minas Gerais era um sonho antigo, mas infelizmente irrealizável presencialmente. Há anos que me movo em diferentes frentes para manter o equilíbrio da minha casa, com uma família e um filho pequeno (a alegria de minha existência). Com dois vínculos, trabalhos no Centro de Formação do Pará e os cuidados familiares, era impossível me ausentar para aprofundar meus conhecimentos quanto ao ensino e a aprendizagem de línguas. Mas o Proletura me deu essa oportunidade.

Nesse sentido, quero agradecer a todos os meus professores e professoras que compartilharam, de forma extremamente generosa, os seus conhecimentos comigo. Também aproveito a oportunidade para agradecer aos colegas de curso que somaram comigo em trabalhos os mais diversos, em trocas ricas de experiências e de saberes. Foram pessoas que nunca vi pessoalmente, apenas pelos encontros virtuais e que foram importantes para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço também à minha querida orientadora, professora mestra Allana Mátar de Figueiredo, a qual me auxiliou imensamente na escrita do texto e nas dicas de leitura, sempre com comentários incisivos e pertinentes, o que pôde refinar a escrita e conferir a ela uma coerência ainda maior. Além do profissionalismo, aproveito para agradecer pela escuta generosa e pela compreensão em todos os momentos. Espero que possa haver em meu caminho (e no de muitas pessoas) profissionais assim, que podem modificar trajetórias sempre de uma forma ampla e verdadeira.

Agradeço aos meus pais, que nos momentos mais difíceis estiveram presentes, com a mão estendida; à minha sogra e ao meu sogro, de uma generosidade infinita, sempre dispostos a ajudar a quem quer que seja; ao meu irmão também e sua família, por quem expresso um imenso e fraterno carinho.

Por fim, agradeço à minha esposa, Ana Paula, e ao meu filho Bento, por reconhecerem a minha luta diária por uma educação de qualidade, por acalmarem meu coração quando este insiste em se manter na inquietude. Saibam que é tudo por vocês. Esta alegria e este entusiasmo existem porque tenho vocês em mim. Muito obrigado!

“Para ser herói não basta ter coragem e arriscar a vida. Para isso serve qualquer arruaceiro, qualquer criminoso. Em sua origem, o heros [herói] é uma pessoa que realiza atos que estimulam o melhor da humanidade. Uma guerra de conquista, como a guerra de Hitler, conduzida de maneira tão atroz, nada tem a ver com heroísmo” (Klempereer, 2009, p. 68).

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo apresentar uma costura entre a proposta da dialética erística de Schopenhauer (2021), os estudos de Klemperer (2009) acerca da linguagem manifesta durante o regime nazista na Alemanha e as análises do professor João Castro Cezar da Rocha (2023) acerca da linguagem da destruição manifesta pelos movimentos de extrema direita existentes no Brasil. Ao interconectar esses estudos com a rede de informações falsas e a linguagem violenta presente nas redes sociais e com os comportamentos de figuras públicas da sociedade brasileira, proponho uma breve análise dessas manifestações de discurso de ódio em que o debate é negado e há somente uma vontade de imposição de uma crença ou uma visão unilateral (e distorcida) da realidade. Além da conexão construída entre as obras de referência, apresento uma proposta, com base em estudos anteriores, de uma sequência de atividades que tem como objetivo o desenvolvimento das capacidades argumentativas dos sujeitos históricos, a fim de que reconheçam as estratégias da retórica da violência e que possam ter a base para a proposição de um diálogo ético, respeitoso e responsável promovido por cidadãos ativos e engajados em uma cultura da escuta e da informação qualificada. Esses estudos encontram eco na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) quando trata da importância da argumentação para a vida cotidiana. Para a elaboração das sugestões de atividades, farei uso dos princípios da comunicação não violenta, defendida pelo psicólogo estadunidense Marshall Rosenberg (2021) para fins de promoção de um debate ético nas escolas. O intuito é propor reflexões acerca de práticas de ensino e aprendizagem a respeito do tema tão presente em nossa sociedade, mas ainda com um debate ainda incipiente nos espaços escolares.

Palavras-chave: retórica do ódio; ética do diálogo; cidadania ativa; argumentação escolar.

ABSTRACT

This Final Paper (FP) aims to present a connection between Schopenhauer's (2021) proposal of eristic dialectic, Klemperer's (2009) studies on the language manifested during the Nazi regime in Germany, and Professor João Castro Cezar da Rocha's (2023) analyses of the language of destruction manifested by far-right movements in Brazil. By interconnecting these studies with the network of false information and violent language present on social media and with the behavior of public figures in Brazilian society, we propose a brief analysis of these manifestations of hate speech in which debate is denied and there is only a desire to impose a belief or a unilateral (and distorted) view of reality. In addition to the connection built between the reference works, we present a proposal, based on previous studies, for a sequence of activities that aims to develop the argumentative skills of historical subjects, so that they recognize the strategies of the rhetoric of violence and that they can have the basis for proposing an ethical, respectful, and responsible dialogue promoted by active citizens engaged in a culture of listening and qualified information. These studies are echoed in the Brazilian National Common Core Curriculum (Brazil, 2018) when it deals with the importance of argumentation for everyday life. To develop the activity suggestions, we will use the principles of nonviolent communication, defended by the American psychologist Marshall Rosenberg (2021) for the purpose of promoting an ethical debate in schools. Our aim is to propose reflections on teaching and learning practices regarding the topic that is so present in our society, but with a debate that is still incipient in schools.

Keywords: rhetoric of hate; ethics of dialogue; active citizenship; school argumentation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Comentário do Portal G1.....	34
Imagem 2 - Comentários em redes sociais a respeito do caso Marielle Franco	35
Imagem 3 - Debate entre Caroline Sadar e Lucas Pavanato	42
Imagem 4 - Saudação nazista em Santa Catarina	45
Imagem 5 - Saudação nazista na Itália	45
Imagem 6 - Reportagem do Portal HypeScience	52
Imagem 7 - Material da Educamídia: diferenças entre fatos e opiniões	52
Imagem 8 - Mapa mental com os princípios para um debate ético	55
Imagem 9 - Ficha de orientação para otimização do recurso.....	55
Imagem 10 - Fotografia de um Clipper do bairro do Guamá, Belém (Pará)	60
Imagem 11 - Diário de aprendizagem	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Texto de corrente que circula pelo WhatsApp.....	35
Quadro 2 - Análise do texto.....	36
Quadro 3 - Texto decorrente que circula pelo WhatsApp.....	37
Quadro 4 - Análise de alguns pontos do texto.....	39
Quadro 5 - Análise de trechos do debate.....	42
Quadro 6 - A distinção entre observação e avaliação.....	48
Quadro 7- Texto de corrente que circula pelo WhatsApp.....	58
Quadro 8 - Algumas estratégias de Schopenhauer.....	63

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2	AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM COMO CONTRAPOSIÇÃO À COMUNICAÇÃO-ALIENAÇÃO	16
3	POR UMA LEITURA PROFUNDA EM MEIO A UM FLUXO INFINITO DE INFORMAÇÃO	21
4	QUANDO A ANGÚSTIA PODE SER UM CAMINHO: A VIDA DE SCHOPENHAUER	26
4.1	Quando não há argumento, muitos recorrem a Éris – a retórica do ódio e a filosofia erística: uma sistematização do ódio e opções para combatê-lo	28
5	PROPOSTAS PARA UMA RECONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO: VIVÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	44
5.1	O coração da comunicação não violenta: uma proposta de sequência de atividades.....	46
5.1.1	O que significa a comunicação não violenta (CNV)	47
5.1.2	Proposta de atividade	50
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	68

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Todos os dias, ao acordar, lanço um olhar para o celular, o que já é, infelizmente, um hábito incorporado. Verifico algumas notícias, sejam elas de que natureza for, ou vejo vídeos de posicionamentos que envolvem temáticas variadas. É um hábito recente para a maioria, de compreender o celular como parte ou extensão do corpo. Mas reflexões à parte, há, nesses conteúdos, um processo que me causa incômodo, uma angústia de modo a parar tudo e pensar: O que leva uma pessoa a agir dessa maneira?

Ao passar os olhos pelos conteúdos publicados nas redes sociais, sempre procuro ler os comentários e o resultado é assustador. Há sempre alguém disposto a, gratuitamente, xingar uma pessoa que não conhece. Não somente julga seu comportamento, mas procura expor as vísceras de uma alma envenenada pela violência discursiva. O certo é que, se você expusesse a pessoa, se solicitasse a ela uma manifestação mais concreta do seu posicionamento (um vídeo, por exemplo), certamente a pessoa recusaria o pedido e, diria mais, negaria o que foi dito no comentário.

Os impactos naqueles que são atingidos por essas mensagens violentas são assustadores e os debates suscitados, a partir dos discursos de ódio na internet, despertam preocupação, além de, a cada dia, se alastrarem e contaminarem mais e mais pessoas, principalmente os jovens. Um dos pontos que apontam para a compreensão do problema é a ausência de uma leitura mais criteriosa, crítica e consciente das informações recebidas.

Há uma persistente terceirização da inteligência e uma alienação orgulhosa em direção à ignorância; não há réplicas, há consensualidade, mesmo quando o posicionamento beira o grotesco, ademais, há pouco uso da voz, é sempre a voz do outro que fala por mim, que comenta os filmes, que realiza as leituras – a voz interna emudece e tem medo de se posicionar.

Além desse ponto, há pouca intenção de verificar o que é replicado. Por certo, há diversas formas de evitar o compartilhamento de notícias falsas, entretanto, não há muita preocupação em verificá-las, porque é mais importante compartilhar o que está alinhado ao meu sistema de crenças particular do que procurar fontes confiáveis ou argumentos consistentes.

É um abraço total não ao senso comum, mas a um esquema bem estruturado de desinformação, e a escola, como agente fomentador da pluralidade e do espírito democrático, tem o seu papel central no combate a esses comportamentos. Para isso, precisa desenvolver nos alunos, em todas as etapas de ensino, habilidades no que diz respeito à argumentação, 7ª competência geral da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), e a não disseminação de discursos de ódio. E de que modo se pode propor um debate sustentável, ético e responsável para uma sociedade mais salutar e uma cidadania verdadeiramente ativa?

Um dos primeiros aspectos para se resolver um problema é reconhecer que ele existe. Após o reconhecimento, a pessoa passa a compreendê-lo. Na cadeia discursiva, é sabido que a palavra não é neutra, mas carregada de existências, de forças vivas. Percebe-se no posicionamento de alguém as vozes inerentes e alheias ao seu discurso, e nota-se, também, o uso de estratégias para a defesa dos seus argumentos, no entanto, em uma sociedade polarizada, na qual a razão se fragmenta/dilui e perde a vitalidade a cada dia, há aqueles que preferem o uso sistemático de armas discursivas para, ao abdicar da razão, não buscar o consenso, mas sim a impossibilidade do diálogo.

É importante ressaltar que, quando menciono o consenso, não estou falando de anuência ou convergência sempre. Na arena ideológica do discurso, sempre há contraposição, embate e forças antagônicas ao pensamento vigente; isso é o que justamente mantém e estrutura a democracia. A questão é que há uma erosão ou simplificação da linguagem, em que segmentos da sociedade estão deixando de lado a argumentação para abraçar discursos de ódio. Como partir para o enfrentamento da questão?

Esta é a proposição deste trabalho de conclusão de curso; nele, procuro compreender alguns princípios do discurso violento, de como ele se organiza. Nesse sentido, faço uso do estudo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (2021) a respeito da filosofia erística, uma espécie de pugilato intelectual, em que as pessoas têm como objetivo a ausência do diálogo. É bom frisar que esse estudioso não era defensor do uso desse sistema, apenas o apresentou para que se construam mecanismos de defesa para ele.

A partir disso, partirei de exemplificações a respeito dos discursos de ódio nas redes sociais ou por figuras públicas da política nacional. O intuito é demonstrar, a partir de formas ilustrativas, que há método e sistematização nesse tipo de

comunicação, ou seja, não se trata somente de violência, mas da construção de engajamento a partir agressividade.

Sendo assim, além do filósofo alemão, também trarei os estudos de Victor Klemperer – um judeu sobrevivente do III Reich, que em 1947 elaborou um estudo interessante da linguagem do nacional-socialismo, do modo como ela envenenava, aos poucos, o coração do povo alemão pela linguagem.

Além desses dois estudiosos, esta pesquisa traz o historiador e filósofo Henry Bugalho (2022), que vem pesquisando há algum tempo a respeito da linguagem violenta manifesta na polarização política brasileira e, considerando esse tema, evoco, também, o pensamento do professor João Cezar de Castro da Rocha (2023) e sua importante produção a respeito da guerra cultural estabelecida no país por representantes da extrema-direita e sua imposição de uma agenda autoritária e muito alinhada a um discurso excludente e violento.

É fundamental ressaltar que, embora haja risco que envolve a escolha de quatro grandes teóricos, não poderia deixar de citá-los, com intuito de apresentar aos possíveis leitores deste trabalho direcionamento de autores que tenham trabalhos já consolidados nesse campo de estudo. O Trabalho de Conclusão de Curso, portanto, procura indicar/sugerir leituras que podem aprofundar a questão em estudos posteriores, os quais se fazem necessários; ademais, procuro pôr em contato teóricos clássicos com autores contemporâneos e buscar entres eles um diálogo.

Ao final das ponderações, apresento uma proposta de trabalho com o gênero debate, pois considero que a argumentação é tema fundante da formação social do sujeito histórico; logo, não há como a escola ser um espaço democrático sem que procure vivenciar, cotidianamente, a argumentação na construção de uma comunidade de aprendizagem que valorize o pensamento plural, as diversas formas de compreender a realidade.

Além disso, que, no processo de repensar a argumentação, coloque-a no centro, pense em sugestões que façam viver uma comunicação que não seja impositiva, mas que movimente a sua força pela amorosidade, pela compaixão, em compreender que o outro é uma extensão de si e que sem o outro há uma total desconexão na construção da sua própria realidade.

As páginas a seguir movem o interesse em se pensar na força argumentativa como um poder coesivo, no qual os sujeitos entrelaçam experiências e saberes em prol de um objetivo: o bem-estar coletivo e a certeza de que não há democracia sem

o exercício da voz, da potência da voz, do posicionamento. Uma escola sem voz é apenas mais um recurso das forças reacionárias que estão à espreita. O lobo arreganha os dentes; o que fará o cordeiro?

2 AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM COMO CONTRAPOSIÇÃO À COMUNICAÇÃO-ALIENAÇÃO

Houve um tempo no qual a leitura era inacessível. Houve um tempo em que foi acessível a poucos; ela era um instrumento de controle. Houve um tempo em que as práticas de leitura, ou modos de ler o texto, eram reduzidas, não havia a leitura silenciosa. Houve um tempo em que a leitura representava um perigo. Houve um tempo em que a leitura nos tornava mais sensíveis, empáticos. Hoje vivemos num tempo em que a leitura é tudo isso ao mesmo tempo, e é até mais, bem mais.

Atualmente, há diversificados modos de se ler um texto: leitura meditativa, em voz alta, expressiva, compartilhada, protocolada (e cada uma atende a um propósito específico); há também maior acessibilidade a textos, pois nos situamos historicamente em uma sociedade centrada neles. Quando me refiro a textos, considero que sua definição ao longo do tempo, mediante a complexidade das novas formas de comunicação da sociedade, passou por mudanças consideráveis. Se antes, por exemplo, éramos meros consumidores passivos de informação, agora temos a possibilidade de comentar, compartilhar, reagir ao que nos é oferecido.

A leitura, hoje, em suas mais variadas interfaces e matrizes de linguagem, em um sistema de comunicação híbrido e emaranhado, deixou de representar um potencial perigo para uma parcela considerável do mundo, pois na maior parte dos países hoje é possível escolher a leitura que lhe aprouver, sem que haja uma censura para a sua opção (o que pode mudar em breve, conforme casos¹ já presentes em nossa sociedade e em outras, consideradas até então democráticas). Mas apesar dos entraves para leitores, o certo é que reconheço que os tempos atuais oferecem mais oportunidades para a leitura de livros do que em tempos antigos.

Além desse fato, no mundo atual há muitas formas de ler, com incontáveis vozes, ideologias que se entrecrocaram e nos constituem, pois a língua é permeada à vida e dela não se separa. Além desse fato, conforme mencionei, há atualmente um acesso maior, embora ainda insuficiente ao livro (em seus diversos formatos, impressos, digitais, *audiobooks*, etc.). Existem muitos exemplos, mas, como já pontado, a universalização do acesso não garante muita coisa (assim ainda é o caso da escola). De que adianta ler um texto complexo, rico em percursos interpretativos,

¹ Ver <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/03/13/censura-a-obras-literarias-assustam-setor-do-livro-que-busca-solucoes-para-enfrentar-ataques.ghtml>.

com o qual você pode abrir um diálogo extenso e profundo com a sua realidade, se não há possibilidade de localizar as informações básicas dispostas e espalhadas na trilha preparada pelo autor (dentro do que ele prevê e do que não está previsto) e que dá suporte à compreensão (ou dela fazer usufruto, de tal maneira que o redireciona a pensar de uma forma que, para ele, o autor, é interessante).

Nesse sentido, para que sejamos leitores críticos, apreciadores dos textos, é fundamental que tenhamos estratégias que nos permitam avaliar o que lemos, e que possam ampliar nossas perspectivas. Assim, poderemos descobrir quais são as intencionalidades e as orientações que podem advir das comunicações ou interações que temos no dia a dia.

No mundo atual, de influenciadores digitais e de redes sociais, é importante que façamos uma leitura crítica dos enunciados com os quais temos contato e procurar critérios para suas replicações ou não. Atualmente, há muitos difusores de violência pelo discurso nas mais diferentes mídias e nas redes sociais há verdadeiras ilhas de desinformação; tais mecanismos de desorientação informativa podem prejudicar pessoas, assassinar reputações e fomentar caminhos para o radicalismo.

Sendo assim, neste trabalho o objetivo central é apresentar uma proposta, por meio de uma pesquisa qualitativa-interpretativista e de cunho bibliográfico, de trabalho com o componente Língua Portuguesa, que tenha como intuito desenvolver as capacidades argumentativas dos educandos a partir de alguns princípios da comunicação não violenta, por meio do reconhecimento das mais variadas operações lógico-argumentativas empregadas em discursos que fazem uso de uma linguagem violenta (retórica do ódio) por agentes públicos (ou não) e nas redes sociais (em textos que circulam e viralizam, espalhando desinformação e desorientação).

Mas, para chegar a esse ponto, tentarei de construir uma ponte entre a filosofia e os estudos da Linguística Aplicada. Considerando isso, retomarei os estudos de Arthur Schopenhauer e alguns de suas estratégias (máquinas de guerra) para vencer um debate (dialética erística) e de como será possível, por meio de suas estratégias (alguns, como o *ad hominem*), desmontar as manifestações da linguagem da destruição expressas nas redes sociais (e em comportamentos sociais conectados ao neofascismo brasileiro) e manifesto por pessoas públicas que operam com tais mecanismos no cotidiano (a canalização do ódio, como forma de criar engajamento em lutas imaginárias).

É importante frisar que apenas alguns estratagemas serão escolhidos, a fim de ilustrar e de exemplificar a questão. A escolha por alguns estratagemas específicos acontece pelo seu uso corrente em situações cotidianas ou por figuras públicas, para fins de tumultuar ou inviabilizar o debate, conforme será apresentado nas seções abaixo.

Nesses termos, o objetivo não é montar um manual, um esquema fixo, com técnicas que possam neutralizar a manifestação da violência pela linguagem, como o proposto por Marshall Rosenberg (2021) em seu livro acerca da comunicação não violenta. Trata-se da retomada dos princípios dessa comunicação, em que o confronto não é negado, mas se sabe fazer o uso dele, com reflexões profundas e permanentes, negadas pelo sistema de comunicação baseado no ódio. Por meio de um breve estudo da retórica e da dialética, proponho uma sequência de atividades que envolvam as práticas de linguagem (leitura/escuta; produção de texto; análise linguística e semiótica) alinhadas aos princípios da comunicação não-violenta e o desenvolvimento de uma ética do diálogo.

Como é possível desenvolver mecanismos para reconhecer as estratégias do filósofo nessas falsas expressões da opinião? Para isso, vamos refletir acerca de como esse comportamento é antigo e veio crescendo com o tempo a partir da linguagem da destruição incentivada por ideólogos da extrema-direita brasileira. Nesse ponto, não há como não mencionar os trabalhos de Klemperer (1947 [2009]), a respeito da mentalidade da sociedade alemã durante o III Reich. Organizada a partir de diários (em um período de 1933-45), ela aborda a institucionalização do nacional-socialismo e de como, por meio do empobrecimento da língua, a mentalidade nazista envenenou a mente e o coração dos alemães.

Dessa forma,

[...] o efeito mais forte não foi provocado por discursos isolados, nem por artigos ou panfletos, cartazes ou bandeiras. O efeito não foi obtido por nada que se tenha sido forçado a registrar com o pensamento ou a percepção consciente. O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconscientes e mecanicamente' (Klemperer, 1947, [2009], p. 55).

Além dessas pesquisas, vou fazer uma conexão com outras referências que, no Brasil e no mundo, têm procurado estudar a língua como fator de envenenamento social e psíquico para a erosão de Democracia. Entre elas, o importante trabalho do historiador e professor de Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de

Janeiro, João Cezar de Castro Rocha (2023), que trata de temas como a guerra cultural, a teologia do domínio e o terrorismo doméstico. Espero, pelas reflexões aqui delineadas, contribuir de alguma forma para um debate mais estável e intenso acerca da radicalização e do esfacelamento da linguagem, além dos seus deletérios efeitos sobre a sociedade como um todo.

Nesse sentido, este trabalho está dividido pelas seguintes seções: na terceira, esboço o poder da leitura, de como as formas de ler se modificaram com o tempo e como o excesso de informações têm inviabilizado um debate mais profundo acerca de temas relevantes; além disso, movidos por direcionamentos ideológicos, somos conduzidos (em vez de conduzir) pelas emoções. Devido a isso, a todo momento compartilhamos informações de modo generalizado sem reconhecer e avaliar sua procedência e checar o seu conteúdo. Aqui, pensei em estratégias para desabilitar a desinformação e alertar os estudantes para os perigos da circulação de uma falsa argumentação.

Já na quarta seção, trago um pouco da vida do pensador alemão Arthur Schopenhauer, além de sua teoria fundamental, de modo breve, sobre a vontade, a representação e, fundamentalmente, seus estudos acerca das estratégias para vencer um debate sem ter razão. Isso estará intimamente conectado com a próxima seção, que versará a respeito da linguagem da dialética erística e de como, por meio dela, podemos observar as manifestações de discursos violentos em várias expressões ou formas de comunicação social nas redes sociais em manifestações de agentes públicos da política brasileira.

Além de Arthur Schopenhauer (1991; 2017), insiro na proposta as observações feitas por Victor Klemperer (1947, [2009]) e os malefícios da simplificação da linguagem em um sistema autoritário e os estudos rigorosos de Castro Rocha (2023) acerca da guerra cultural presente no país hoje e o incentivo ao que o teórico fluminense chama de retórica do ódio. Além disso, João Cezar afirma que é preciso parar de tratar tais manifestações como caricaturas e levar o assunto mais a sério, posto que

[...] a guerra cultural, centrada prioritariamente na pauta dos costumes, transformou-se na mais eficaz máquina eleitoral das décadas iniciais do século XXI. E boa parte do seu êxito reside na insistência com que suas estratégias não são levadas a sério e por isso não são estudadas com o cuidado necessário (Rocha, 2023, p. 13).

É importante também, conforme mencionado, nesse trazer o livro do escritor e estudioso do discurso da extrema-direita Henry Bugalho (2022), obra em que faz um percurso de reconhecimento das principais falácias lógicas empregadas em variados discursos e apresenta sugestões para evitar o embate desnecessário – à maneira de Schopenhauer, quando propôs seu manual.

Por fim, apresento uma proposta de atividades do componente Língua Portuguesa que integre as práticas de linguagem (oralidade, leitura, produção textual e análise linguística/semiótica), a qual pode contribuir com os colegas educadores quanto ao processo de educação midiática. Algumas tarefas serão elaboradas com base nos princípios da comunicação não violenta, tão necessário neste complexo momento histórico no qual estamos inseridos, em que a violência não pode predominar (atualmente, estamos perdendo esse debate).

Mais uma vez, é importante deixar claro, que a escolha de quatro teóricos implica riscos, pelo não aprofundamento de perspectivas. Reconheço as limitações, mas considero necessário apontar os autores em questão, grandes referências teóricas e pesquisadores dos assuntos aqui tratados. Também não pretendo afirmar que estamos vivendo exatamente o que houve em momentos históricos anteriores, são realizações distintas. Entretanto, em termos de violência verbal e empobrecimento das reflexões por meio do discurso, há pontos de convergência que precisam ser considerados.

No mais, compreendo ser ingenuidade acreditar que todos estejam dispostos ao diálogo, pois não estão, ainda mais aqueles que se movimentam pelo caos e a desintegração da ordem social. Contudo, acredito que há necessidade de serem estabelecidas as bases do diálogo desde cedo, refletindo acerca da importância de uma argumentação embasada e coerente, a qual encontre eco na realidade e que se oriente por uma ética que tenha por princípio a responsabilidade pelas ações cometidas. A escola pode ser um dos caminhos para essa retomada do diálogo. Considero que, para que o mal se manifeste e se prolifere, basta que não façamos nada. E ele, o mal, não descansa. É necessário reagir.

3 POR UMA LEITURA PROFUNDA EM MEIO A UM FLUXO INFINITO DE INFORMAÇÃO

A língua conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais inconscientemente eu me entregar a ela. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar (Klemperer, 1947 [2009], p. 55)

Hoje, é quase consensual que a leitura é, em vários sentidos, um caminho para uma reinterpretação da/s realidade/s. Ao realizar o percurso da leitura, vamos nos modificando, preenchendo as zonas de incompletude, os espaços possíveis de sentidos, com o nosso repertório cultural; ao mesmo tempo em que somos modificados, o texto também se retroalimenta, vai se (re)configurando, e o que antes era estático, materializado nas páginas, assume novos (e diversificados) sentidos, tons, valores e modos de organização.

É claro que para esse movimento existem limites, pois os textos também possuem direitos (Eco, 2016), limites para a interpretação, mas um bom texto tem a capacidade de transpor a linearidade tempo-espaço e dialogar com culturas diferentes, com formas diversas de entendimento da existência.

Mas nem sempre houve esse espaço ou entendimento da importância da leitura. Em outros momentos, ela foi usada como instrumento de controle, um exercício de dominação sobre o outro; houve momentos, na Idade Média ou em governos autoritários, em que havia leituras que não poderiam ser feitas, que poderiam gerar questionamentos, uma dúvida, a respeito dos dogmas estabelecidos ou formas condenáveis de comportamento.

Cabe ressaltar também que, durante boa parte da história humana, o acesso aos livros e ao conhecimento ficava nas mãos de uns poucos privilegiados; assim,

[...] para frequentar a escola, os estudantes tinham de pagar imposto-matrícula, sendo tributados de acordo com a bolsa, uma unidade baseada em suas despesas de cama e mesa semanais. Se não tivessem condições de pagar, tinham de jurar que não possuíam “meios de sustento”, e às vezes ganhavam bolsas de estudo garantidas por subvenções. No século XV, os estudantes pobres eram 18% da população estudantil de Paris, 25% da de Viena e 19% da de Leipzig. Privilegiados, mas sem vintém, ansiosos por preservar seus direitos, mas sem saber como ganhar a vida, milhares de estudantes perambulavam sem rumo, vivendo de esmolas e furtos. Uns poucos sobreviviam posando de adivinhos ou mágicos, vendendo bugigangas miraculosas, anunciando eclipses ou catástrofes,

invocando espíritos, prevendo o futuro, ensinando rezas para resgatar almas do purgatório, dando receitas para proteger as colheitas contra o granizo e o gado contra doenças (Manguel, 2020, p. 101).

Apesar de a realidade brasileira não ser tão diferente da relatada pelo escritor (devidos aos problemas sociais que temos), atualmente, com o advento da internet, das redes sociais e de outros recursos digitais, a humanidade está tendo mais oportunidade de acesso à informação em um volume descomunal.

Além disso, saímos da condição de meros consumidores/receptores passivos de dados para produtores de conteúdos que integram em si variadas matrizes de linguagens (imagens estáticas ou em movimento; áudios, vídeos, entre outros). Uma pessoa com habilidades regulares pode modificar, por meio da inteligência artificial (IA), o rosto de uma pessoa (simular ou copiar sua voz também); editar vídeos com ferramentas intuitivas; produzir *podcasts*, tudo muito simples. Não bastasse as ferramentas à disposição, ainda podemos encontrar, em variadas plataformas de conteúdo, tutoriais que ensinam a como usar esses dispositivos inteligentes nosso favor (ou não).

São muitas as possibilidades, embora, como frisei, em um país como o nosso, as desigualdades saltam aos olhos e a conectividade ainda é insuficiente/rudimentar para a maioria das pessoas, no entanto, mesmo com as adversidades, a escola não pode se furtar ao debate do uso responsável e ético dessas tecnologias digitais da informação e comunicação, pois elas fazem parte do cotidiano de muitas pessoas e mobilizam comportamento, criam bolhas de pensamento, ideologias e veiculam muita desinformação. É nesse ponto que quero chegar.

Com a expansão do uso das redes sociais, é visto um forte movimento (inclusive com forte financiamento público e privado), um verdadeiro ecossistema de desinformação, no sentido de desorientar as pessoas com relação aos fatos. Mas não é esse somente o ponto.

Há pessoas que, mesmo diante dos fatos, preferem acreditar no que é conveniente a elas, segundo seus interesses particulares. Ou, ainda mais grave, as pessoas podem não saber o que é um fato e como diferenciá-lo de uma opinião. Conforme dados publicados pelo portal G1², quase 67% dos jovens de 15 anos no Brasil não conseguem construir critérios para estabelecer o que é fato ou opinião

² Acerca dessas afirmações, é fundamental ler a reportagem do portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/05/06/67percent-dos-estudantes-de-15-anos-do-brasil-nao-sabem-diferenciar-fatos-de-opinioes-afirma-relatorio-da-ocde.ghtml>. Acesso em: 1º jun. 2024.

relativa a um fato. Não reconhecem marcadores de subjetividade no texto ou pistas que indiquem sua orientação ideológica.

Pode parecer simples, mas o impacto social de uma ausência de um trabalho sólido com a argumentação em sala de aula é tremendo. A falta de abordagem dos tópicos mais simples, como a diferença entre tema, assunto, opinião, tese; do que são conceitualmente e de como reconhecê-los nos textos; ou de como identificar os operadores argumentativos; ou compreender em textos variados qual a orientação discursiva do autor; ou então reconhecer suas estratégias argumentativas afetam as etapas posteriores da educação básica.

Se os alunos não conseguem reconhecer tais diferenças e marcar elementos que direcionam a argumentação, como poderão fazer uso desses recursos linguísticos nas situações exigidas? A importância desse tópico é tanta que não caberia apenas ao professor de língua portuguesa ter de lidar com a questão, mas é um item que abraça todas as áreas, pois elas usam o expediente da argumentação para a construção das ideias que veiculam.

O impacto social para a ausência desse tipo de trabalho pode indicar sintomas de uma sociedade que abraça a ignorância e dela tem orgulho. Há hoje um fenômeno de desconforto entre a realidade e o meu sistema de crenças particulares. Esse processo, chamado de dissonância cognitiva, tem sido estudado por pesquisadores e teóricos do campo da psicologia e da linguagem, os quais compreendem que essa forma de comportamento tem se entranhado na sociedade brasileira.

Assim, a dissonância cognitiva coletiva é a

[...] criação de um mundo alternativo, de uma autêntica realidade paralela cujos delírios são tomados como verdade absoluta porque não mais ocorrem no plano individual, mas na arena pública, reunindo dezenas de milhões de pessoas conectadas o tempo todo por meio das redes sociais. O fenômeno é planetário, um desdobramento não planejado do alcance inédito do universo digital no dia a dia, em todas as esferas da vida (Rocha, 2023, p. 27-28).

Uma das formas de se contrapor a esse fenômeno é o incentivo à leitura, mas não a qualquer leitura, mas uma leitura que envolva um conjunto de habilidades articuladas e que saia da mera compreensão superficial para ações interpretativas, que movimentem a curiosidade e o pensamento ativo dos discentes, a fim de não serem apenas leitores contemplativos, mas sim sujeitos atuantes e reflexivos, os quais realizam apreciações e avaliam criticamente as informações, isto é, verdadeiros curadores da informação a fim de transformá-la em conhecimento. A luta que se faz

presente neste momento é justamente a recostura do diálogo entre pensamentos divergentes e isso precisa começar desde cedo.

Muitos teóricos indicam que as redes sociais podem moldar ou interferir no comportamento das pessoas pelo mapeamento do seu perfil, suas escolhas (o que curte, o que compartilha, o que compartilha e comenta e assim por diante) e oferece a esse público conteúdos que estejam alinhados ou conectados a sua forma de pensar, o que cria “antolhos” ideológicos, inviabilizando o contato com ideias divergentes e impossibilitando a convivência com pessoas que manifestam um pensamento não estreito ao seu.

Nesse sentido, as redes sociais são transformadas em arenas ideológicas, zonas de conflitos permanentes nas quais os indivíduos deixam de lado a argumentação racional ou embasada e abraçam, intencionalmente ou inconscientemente, as estratégias manifestas pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer (2021) em seu pequeno livro “*38 estratégias para vencer um debate sem ter razão*”, no qual o autor apresenta subterfúgios (não muito éticos) para que se deixe de lado a consistência das ideias para fins de desarticulação do pensamento alheio, usando todo tipo de artifício para isso. É uma espécie de pugilato intelectual, que não tem como finalidade a manutenção do diálogo, mas o seu fim pela linguagem agressiva, uma retórica da violência. E não era a intenção do filósofo alemão propor um manual que estimulasse essa prática, mas sim a observação de que, nesse modelo de linguagem, havia método e que poderia haver mecanismos de proteção contra ele.

Ao longo do trabalho, recorro aos preceitos do filósofo alemão (e de outros teóricos e pesquisadores também) e a seus mecanismos e notei como seus princípios norteiam os da retórica da violência. Sendo assim, na próxima seção, vamos compreender mais acerca de Arthur Schopenhauer e de sua vida atribulada. Ao fim da seção, procuro realizar um recorte de alguns³ de seus estratagemas a fim de demonstrar como se manifesta a dialética erística a partir de exemplos concretos e depois irei expandir as reflexões com base em obras mais atuais.

O intuito é demonstrar que essas estratégias de agressividade da linguagem, somadas a uma excessiva simplificação da linguagem, tornam o comportamento

³ Reitero aqui, e em outras situações, que precisarei realizar alguns recortes, pois, não havia como trabalhar várias estratégias, uma vez que meu foco não é o trabalho com a Filosofia, mas como ela pode costurar um diálogo com outras áreas do conhecimento.

social tóxico, pois o entendimento mútuo é negado, e a empatia é desidratada, de modo a expandir, por meio da linguagem, uma cultura da aniquilação e negação do outro.

4 QUANDO A ANGÚSTIA PODE SER UM CAMINHO: A VIDA DE SCHOPENHAUER

A angústia de Schopenhauer começou em seu perturbador ambiente familiar. Era filho de um rico e depressivo comerciante (Floris Schopenhauer) e de uma mulher apaixonada pela sociabilidade e uma escritora famosa (Johanna Schopenhauer). Arthur fora criado para assumir os negócios da família, isso envolvia até a escolha de seu nome, que poderia ser facilmente pronunciável em toda Europa. Mas não havia em Arthur aptidão para o comércio, seu interesse se expandia e se consolidava em torno das grandes questões que envolviam a natureza humana. Quando era jovem, no entanto, seu pai fez a ele uma proposta: escolher o curso que desejava ou viajar pela Europa por anos (mas ao término da viagem, deveria assumir os negócios da família). Ele escolheu a segunda opção.

Ao longo da viagem, o filósofo alemão observou o caos na qual estava mergulhada a Europa: a destruição dos ideais e o terror da Revolução Francesa, bem como as condições subumanas a que eram submetidos os trabalhadores nas fábricas em plena Revolução Industrial. Acerca da situação europeia e as impressões do filósofo alemão,

A Europa inteira jazia prostrada. Milhões de homens fortes haviam morrido; milhões de hectares de terra tinham sido negligenciados ou devastados; por toda a parte no Continente, a vida tinha que recomeçar do zero, para recuperar dolorosa e lentamente o civilizador excedente econômico que havia sido consumido na guerra. Schopenhauer, viajando pela França e pela Áustria em 1804, ficou impressionado com o caos e a sujeira das aldeias, a miserável pobreza dos agricultores, a inquietação e miséria das cidades. A passagem dos exércitos napoleônicos e antinapoleônicos havia deixado cicatrizes de devastação no rosto de todos os países. Moscou estava em cinzas. Na Inglaterra, orgulhosa vitoriosa na luta, os agricultores estavam arruinados pela queda no preço do trigo; e os trabalhadores industriais experimentavam todos os horrores do nascente e descontrolado sistema fabril. A desmobilização aumentava o desemprego. [...] Nunca a vida parecera tão desprovida de significado ou tão miserável (Durant, 2000, p. 230-231).

Conforme Durant (2000), Schopenhauer descreveu, em seu diário, que se sentia como Siddartha Gautama, o Buddha, que, ao sair do palácio, encontrou a doença, a morte e o sofrimento escondidos por seu pai, por medo de que o filho não o sucedesse nos deveres de rei (Gautama era um nobre e pertencente a uma casta guerreira). Entretanto, apesar do sofrimento, Arthur também pôde conhecer a beleza

da Europa e imenso poder e esplendor cultural, histórico e artístico, e isso reverberou em seu pensamento.

Uma curiosidade acerca da vida do filósofo era sua conturbada relação com a mãe, Johanna, amante das artes e promotora de encontros literários na época. Schopenhauer era contemporâneo de Goethe. O pensador alemão criticou um trabalho acerca das cores do escritor, o que o deixou contrariado. Essa relação tumultuada entre filho e mãe teve forte impacto em sua vida e em sua perspectiva filosófica, refletindo-se em sua visão realista da existência humana. Schopenhauer passou a maior parte da vida em solidão, dedicando-se à escrita e à reflexão. Ele era conhecido por seu estilo de vida ascético e sua aversão à sociedade, preferindo a companhia de seus livros e de seu cachorro (que tinha o nome de Atman - o que remonta à influência do pensamento oriental em sua visão da realidade).

Dentre os temas trabalhados pelo pensador ao longo de sua vida, houve um ensaio publicado postumamente e que tinha como objetivo construir um pensamento formal, estruturado acerca de artifícios retóricos e ardis intelectuais. Não se trata, nesta acepção, de um manual para atravancar diálogos ou a promoção da desfaçatez sobreposta à razão, mas de pôr em evidência os mecanismos usados por pessoas as quais, conforme Oliveira (2023), apresentam não apenas uma incapacidade intelectual (*intellektuellen unfähigkeit*), mas também a sua maldade moral (*moralischen Schlechtigkeit*). Por definição, tais pessoas vivenciam o discurso à revelia da racionalidade e passam a ter um sentimento onipresente de competição (e de destruição) nas diversas camadas das suas ideias.

Em suma, nada mais do que colocar-se como o centro da razão. Ao definir a dialética erística, Schopenhauer (2021, p. 8) afirmou que “a dialética erística é a arte de disputar, mais precisamente a arte de disputar de maneira tal que se fique com a razão]”. Apesar das análises, o projeto foi abandonado pelo filósofo que, no parágrafo 26 do II Capítulo 2 de *Parerga e Paralipomena*, sinaliza por qual motivo teria desistido da empreitada:

Eu havia, portanto, reunido e desenvolvido cerca de quarenta desses estratégias. Mas pôr-me agora a ilustrar todas essas escapatórias da limitação e da incapacidade, irmãs da obtusidade, da vaidade e da desonestidade, causa-me náuseas; por isso, detenho nesses ensaios e resalto como energia ainda maior as razões alegadas acima, para que se evitem discussões com pessoas como quase todas são (Schopenhauer, 2000, cap. 2, §26).

Apesar do descontentamento, o seu objetivo é muito claro: reconhecer e neutralizar o uso dos estratagemas e evitar o seu abuso. Tais elementos serão abordados de forma mais completa na seção seguinte. Entretanto, é importante ressaltar que, para fins de um trabalho de conclusão de curso, não explicitarei todos os estratagemas propostos por Schopenhauer (2021), mas apenas alguns, como forma de ilustração e de modo a construir um princípio comparativo com a linguagem erosiva apresentada por Klemperer (1947, [2009]) e suas ponderações a respeito da linguagem do III Reich, além das pesquisas acerca da retórica do ódio, do professor Castro Rocha (2023) e dos estudos do filósofo Henry Bugalho (2022) a respeito das falácias lógicas.

Ao interconectar esses pontos, apresento uma sequência de atividades, com base nos princípios da comunicação não violenta com o intuito de propor uma possibilidade de retomada do diálogo, cada vez mais distante na nossa sociedade tomada pelo espírito da polarização.

4.1 Quando não há argumento, muitos recorrem a Éris – a retórica do ódio e a filosofia erística: uma sistematização do ódio e opções para combatê-lo

“No interior da midiosfera extremista, a retórica do ódio encontra seu habitat e conduz a uma perversa pedagogia da desumanização do outro, sem a qual a extrema-direita não seria capaz de inventar inimigos imaginários todo o tempo – daí o pensador e pedagogo Paulo Freire ser um dos alvos favoritos do bolsonarismo. A lição freiriana, se assimilada, inviabilizaria a retórica do ódio, no mínimo, impediria sua circulação irrestrita” (Rocha, 2023, p. 25)

Em sessão da Comissão de Direitos Humanos, no dia 13 de março de 2024, um deputado declarou o seguinte:

“Deputadas da esquerda comunista têm feito [críticas] em relação à questão da mulher, da criança, em relação às drogas, mas eu não vejo essas deputadas feministas se manifestarem quando o Hamas invadiu Israel, degolou crianças, matou e estuprou coletivamente mulheres naquele país [...] Eu não vejo nenhuma dessas deputadas feministas que defendem bandido, inclusive do Rio de Janeiro, se manifestarem em favor das mulheres”⁴

A sessão terminou em bate-boca após o político fazer referência à deputada assassinada por milícias no RJ, Marielle Franco. O caso ganhou repercussão e há

⁴ Notícia publicada em: <https://www.poder360.com.br/congresso/comissao-da-camara-tem-bate-boca-apos-deputado-criticar-marielle/>. Acesso em 10 de jun. de 2024.

sempre comentários que evidenciam a polarização presente e pulsante no país, mesmo com a derrota do golpe orquestrado por políticos radicais que culminaram nas ações do 8 de janeiro de 2022. Mas o que há por detrás de discursos violentos que visam à desumanização do outro?

Não é só um discurso motivado pelo ódio aos diferentes, à diversidade, é também isso; mas há mais. Há método. Nesse ponto, é preciso antes considerar que há uma necessidade de sairmos do pensamento caricato e analisarmos o fenômeno com o rigor que ele exige. Só construir humor a partir das situações que são consideradas patéticas (como rezar para um pneu) não ajuda a sistematizar como esse tipo de discurso se organiza e se alastra rapidamente.

Assim, há conformidade com o pensamento de que

[...] precisamos passar da caricatura do personagem Bolsonaro à caracterização do bolsonarismo. Precisamos esquecer a figura do presidente; não podemos ser reféns do bolsonarismo e passar quatro anos em disputas narrativas que somente mantêm a retórica do ódio em plena circulação. Sejam modestos (no fundo, realistas): os bolsonaristas são mestres na fabricação de fatos alternativos (alternative facts) e na difusão de notícias falsas (fake news). E eles estão muito à frente na manipulação das redes sociais e, sobretudo, do WhatsApp. Como caracterizar o bolsonarismo? Trata-se de um movimento político de massas, com incomum capacidade de instrumentalizar o ressentimento coletivo e a pulsão antissistêmica, mantendo seus apoiadores em estado de mobilização permanente por meio da retórica do ódio e da invenção de inimigos em série. É um movimento não somente autoritário, como também fundamentalista, já que não admite a presença da alteridade, pois todo aquele que não seja espelho das convicções do líder torna-se um inimigo interno a ser imediatamente eliminado (Rocha, 2023, 119-120).

E é importante delinear a ideia, que penso ser bem antiga, de que a uniformização e simplificação da linguagem podem nos conduzir a uma restrição também da construção de orientações divergentes, algo já denunciado em livros de como a LTI (*Linguagem do Terceiro Reich*) de Victor Klemperer, um judeu sobrevivente e vivente durante o período do III Reich e que produziu um tratado acerca da uniformização, deformação e simplificação da linguagem pelo nacional-socialismo. Ele aponta que

[...] é voz corrente dizer que a linguagem é a expressão de uma época. Da mesma forma pode-se dizer que é o retrato de um tempo e de um país. O Terceiro Reich se expressa de modo terrivelmente uniforme, em todas as suas manifestações e em todo o legado que nos deixa, na ostentação desmesurada das edificações faustosas, nos escombros, no tipo dos soldados, dos homens das SA e das SS, definidos como figuras ideais em cartazes sempre renovados, mas

sempre muito parecidos uns com os outros, nas autoestradas e nas valas comuns (Klemperer, 1947, [2009] , p. 49).

Em sociedades ou esquemas de pensamento que operam com o autoritarismo, a diversidade é combatida. Qualquer arquitetura de pensamento que seja divergente é eliminada. Há projetos de poder que estão alinhados à pauta de costumes que mantêm em pleno engajamento uma comunidade de pessoas que movem suas atenções para esse inimigo invisível, sempre à espreita, com o intuito de “corroer os valores tradicionais”. O que emula o engajamento do ressentimento é sempre esse inimigo indecifrável, pronto a destruir os valores, a criar um mundo distópico que vai erodir os princípios de uma civilização que é saudosa de uma Era de Ouro.

Retornando à fala do deputado, como afirmei, esse tipo de discurso, impregnado de violência, não é aleatório. Já houve pontos de convergência com esse tipo de manifestação arbitrária em outros momentos históricos. Se a história se repete como farsa ou tragédia, não importa, o problema é que a manutenção de estratégias como essas podem impactar a vida das pessoas e trazer consequências destrutivas para suas vidas. Mas um ponto aqui é central: se é falado em método, qual seriam os mecanismos que permitem a construção desse pensamento? É aqui que entram os estudos de Schopenhauer (2021).

No Estratagema nº 8, o filósofo sugere que, na ausência de argumentos, é necessário deixar o oponente furioso, pois a pessoa movida pela raiva vai ter o seu julgamento afetado. Então, deixa-se de lado todo o objetivo que move um debate sério e é evocada a bestialidade. É exatamente esse o modo de agir de alguns políticos que expandem a ideia da violência discursiva. Há aqueles que, sem poder fazer o usufruto de argumentos plausíveis ou centrados em uma visão organizada e sistemática do conhecimento, apelam para posturas não condizentes aos cargos que ocupam. A respeito desse processo,

[...] a própria natureza do debate se degenerou para uma forma de disputa ou de confronto. Uma das grandes referências usadas pela extrema-direita brasileira é a obra do filósofo alemão Arthur Schopenhauer, disponível em suas diversas edições com os mais variados títulos, sendo um deles *Como vencer um debate sem precisar ter razão*, a partir do título mais usual *A arte de ter razão*. Na obra, Schopenhauer expõe uma série de recursos ou estratégias, muitos deles claras falácias lógicas, quando não insultos diretos, que, quando aplicados com maestria em um debate, desorientariam ou enganariam seu interlocutor ou a audiência, levando, assim, à vitória. A própria noção de vencer ou perder um debate é, em si mesma, bastante problemática, porque encara a discussão como uma espécie de

pugilato (ou esgrima) intelectual, uma briga entre dois opositores para descobrir qual deles é o melhor, o mais hábil, portanto o mais apto a ser admirado pelos demais (Bugalho, 2022, p. 8).

Um pré-candidato a prefeito de Cuiabá é exemplo disso. Em declarações da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPMI) do 8 de janeiro, o parlamentar realizou as seguintes afirmações:

Vocês não estão nem aí para a investigação de nada. Vocês querem é aumentar a chance de ficar falando do Bolsonaro o tempo todo. Acho que é uma certa paixonite pelo Bolsonaro [...]

Eliziane mesmo mencionou a palavra Bolsonaro ou bolsonarismo mil e poucas vezes. Imaginem ela digitando com aquele olhar de paixão e fervor, pensando em Bolsonaro e, como não conseguiu alcançar seus objetivos pessoais ou internos, decidiu partir para o ódio⁵.

Tais declarações foram direcionadas para a senadora Eliziane Gama (PSD-MA) e a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ). Na visão aqui exposta, o objetivo é mais do que evidente: tumultuar o ambiente, desestabilizar adversários e chamar a atenção de seguidores nas redes sociais a partir de cortes específicos da realidade.

Mas não é um evento aleatório, de uma pessoa que, no improviso, resolve adotar uma pseudopostura “antissistema”; o que há é um objetivo bem orientado e organizado, a fim de realizar recortes para as redes sociais que construirão uma versão dos fatos. Tais modelos de comportamento foram mapeados/estudados por Schopenhauer em seus estratégias e depois amplificados.

Comecei a me interessar por esse tema em 2007, antes mesmo de entrar na graduação. Não era exatamente um leitor, mas gostava e me interessava por filosofia. Um dia, andando pela cidade de Belém, deparei-me com um exemplar do livro já mencionado. Com o título “*Como vencer um debate sem ter razão*”, certamente aquele ponto me interessava.

Havia um método para combater os argumentos sem argumentos? Eram perguntas que sempre apareciam quando visualizava o exemplar. Até que um dia, resolvi adquiri-lo. Ao ler as primeiras páginas, não me interessei muito. Mas, muitos anos depois, ao folhear o livro, percebi que ele havia sido prefaciado pelo maior expoente da linguagem violenta e responsável pelo analfabetismo ideológico que

⁵ Disponível em: <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/politica-de-mt/vdeo-abilio-sugere-que-cole-gas-mulheres-tm-paixo-por-jair-bolsonaro/750922>. Acesso em: 21 mai. 2024.

assola o país no sistema perigoso de polarização: o escritor Olavo de Carvalho. A respeito disso, é importante salientar que

O ingresso nas redes sociais propiciou ao autor de *Apoteose da vigarice* (2013) o aprimoramento de estratégias discursivas cristalizadas na retórica do ódio, o principal fruto dos cursos ministrados por Olavo de Carvalho. Aliás, ele é igualmente responsável pela disseminação do embaraçoso analfabetismo ideológico, muito mais prejudicial do que o analfabetismo funcional e produtor das polarizações acéfalas que inviabilizam a discussão de ideias no espaço público brasileiro (Rocha, 2023, p. 47).

O historiador ainda afirma que no livro *O Jardim das Aflições*, Olavo escreve (e muito bem, no dizer de Rocha) a respeito de como realizar lavagem cerebral nas pessoas. Observem que, na linguagem de um estudioso sério, a personalidade de Carvalho não é subestimada ou ridicularizada, é levada a sério, pois é preciso compreender o seu sistema de pensamento para que assim se possa encontrar mecanismos que nos permitam reverter as expressões/perversões da linguagem da violência e retomar o diálogo.

A partir disso, resolvi estudar com mais afinco e compreender o funcionamento da linguagem da destruição, que não pondera, ataca; que considera inculto todo o sujeito que não pensa de forma homogênea; que aponta as armas à diversidade. Além de método, a violência discursiva evoca também sentimentos perniciosos que vigoram na cultura de uma sociedade, entretecida por uma história marcada pela desigualdade. Há também, na manifestação desse discurso, muitas marcas de violência, de forma a eliminar quem se apresenta como divergente.

Desse modo,

A linguagem sempre revela o que uma pessoa tem dentro de si e deseja encobrir, de si ou dos outros, ou que conserva inconscientemente. Este também é, sem dúvida, o significado da frase *Le style c'est l'homme* [o estilo é o homem]. Uma pessoa pode fazer declarações mentirosas, mas o estilo deixará as mentiras expostas (Klemperer, 1947, [2009], p. 49).

Mas este trabalho, além de indicar as formas de organização desse tipo de discurso, procura alternativas a fim de que se possa retomar o diálogo e realizar um exercício de conviver com pessoas que pensam de forma diferente de nós. O manual de Schopenhauer, publicado postumamente (cerca de 30 anos após sua morte), ficou conhecido como o “manual da patifaria”, mas há evidências de que isso é também uma injustiça, afinal,

[...] a Dialética Erística possui bastante importância, pois consiste em um modo de saber lidar com pessoas que apelam para a desonestidade intelectual para desmoralizar seus oponentes, fazendo uso de estratégias. O objetivo dela, então, é ensinar o indivíduo a identificar e neutralizar tais estratégias para defender sua tese (possível contra-ataque) (Souza, 2023, p. 71).

Sendo assim, o antídoto para combater a desonestidade intelectual passa pelo conhecimento das estratégias discursivas empregadas em manifestações de ódio. Nesse sentido, é essencial reiterar que não estou aqui construindo um tratado de reflexão acerca da Dialética Erística (e tampouco proponho um manual de técnicas para a defesa dos artifícios. Repito, este não é um trabalho de Filosofia), mas evidenciarei o seu uso em nosso cotidiano por meio de falácias argumentativas e optei por pensar em proposições para a retomada do diálogo.

É certo que aqueles que fazem uso da Dialética Erística, como forma de observar as ambiguidades e fragilidades do discurso do outro e aproveitar isso para descredibilizar os seus oponentes, precisam ser avaliados, pois observo que é um comportamento presente, mesmo que as pessoas não tenham consciência disso. Sendo assim, é importante reconhecer quando há o uso da espada na hora do embate público, mas não para usar as mesmas armas contra o adversário.

Não se trata de devolver na mesma moeda, mas evidenciar um retorno a um debate que põe em evidência a busca pelo conhecimento e pelo convívio com o contraditório, com o pensamento divergente e diverso, diferente da ênfase na razão homogênea, no pensamento linear. Nesses termos, as estratégias

[...] ao serem utilizados na contenda têm, como objetivo, desestabilizar e desmoralizar o oponente, não buscar a verdade ou esclarecer quaisquer dúvidas. Para lidar com isso, Schopenhauer propõe, então, uma forma de identificar e neutralizar tais estratégias, para que o indivíduo não se deixe levar pelos insultos e provocações que vier a receber (Gouveia, 2023, p. 74).

É importante também ressaltar que o uso de uma estratégia significa que você está abdicando da possibilidade de chegar a um consenso. O uso visa a desestabilizar o outro de modo que, ao observar o seu uso, já reconhecemos no discurso do outro uma tentativa de tornar o diálogo inviável, pois estamos no campo da disputa, no qual o outro quer vencer e usará de subterfúgios os mais diversos para isso. Como frisou Schopenhauer (2021, p. 19): “Com o uso de tais estratégias dialéticas, um escritor revela que em seu íntimo está consciente da sua falta de razão”.

Dentre os estratagemas mais empregados nas redes sociais, o 29º é um dos mais comuns: *thema quaestiones* consiste em mudar o foco da discussão. Opta-se por um desvio, em falar de algo muito distante do que era o tema inicial. Em reportagem no G1 acerca da situação de uma mulher lésbica agredida por um policial militar em SP (abril de 2024)⁶, há diversos comentários que indicam que, já que a mulher se sente “um homem”, deveria apanhar como tal.

Percebam que o que a reportagem debate é a agressão covarde movida por um servidor público em serviço a uma cidadã, mas há uma total distorção dos fatos para que a “argumentação” se encaixe como justificativa para a agressão, o que fica evidente também em outra postagem, já relativa à resolução do caso Marielle Franco, em que se pergunta algo totalmente fora do que está sendo veiculado, chegando até no questionamento dos motivos de tanta comoção para o caso em detrimento de outro.

Os dois casos são de violência absurda, tanto o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes quanto a tentativa de assassinato do ex-presidente Jair Bolsonaro, só que um dos casos foi ampla e devidamente solucionado, com o criminoso devidamente preso pela tentativa de homicídio (no caso, Adélio Bispo). Com relação ao caso de Marielle Franco, foram seis anos para se chegar aos mandantes, com obstrução das investigações, interferências políticas, tudo devidamente documentado. Ainda assim, há quem relativize essa situação e use de notícias falsas para atacar uma pessoa assassinada. Que tipo de sociedade estamos construindo com comportamentos como esse?

Nas imagens 1 e 2, é possível observar que as manifestações de ódio massificam a linguagem, geram sempre esquemas ou palavras estereotipadas, são reproduções alienantes da linguagem; e uma característica da linguagem violenta é que ela se repete, é usada sempre, como se fosse uma mentira que precisasse ser contada inúmeras vezes.

Imagem 1 - Comentário do Portal G1

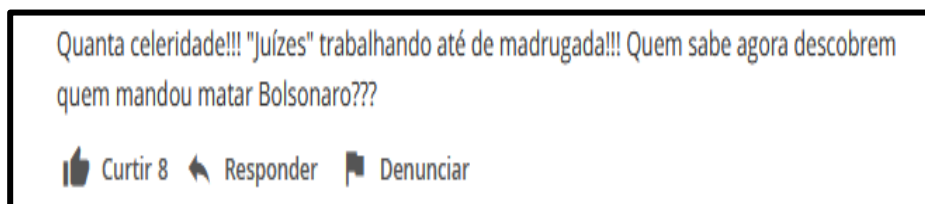
Veste roupa de homem, usa cueca, gosta de mulher, então é o homem, não é justo ser tratada como mulher nessas horas, ela gosta de ser homem então que seja tratada assim.

👍 Curtir 7 ↩ Responder 🚩 Denunciar

Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/08/mulher-lesbica-agredida-no-metro-diz-que-pm-falou-que-ela-iria-apanhar-como-um-homem.ghtml>.

⁶ Para saber mais informações, acesse: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/08/mulher-lesbica-agredida-no-metro-diz-que-pm-falou-que-ela-iria-apanhar-como-um-homem.ghtml>.

Imagem 2 - Comentários em redes sociais a respeito do caso Marielle Franco



Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/03/25/caso-marielle-entenda-os-proximos-passos-da-investigacao.ghtml>.

Outro exemplo de estratagema citado por Schopenhauer e também bastante empregado é o do *argumentum ad verecundiam* (apelo à autoridade), mas há situações em que a autoridade citada não é relevante, ou porque se desconhece a referência citada ou pelo fato de a pessoa referendada não ser um especialista no assunto (pode ser em outro). Observe o exemplo a seguir (Quadro 1).

Quadro 1 - Texto de corrente que circula pelo WhatsApp

Professora de Português dando aula. E que aula!!!

Vamos conversar.

Não sou homofóbica, transfóbica, gordofóbica.

Eu sou professora de português.

Eu estava explicando um conceito de português e fui chamada de desrespeitosa por isso.

Eu estava explicando por que não faz diferença nenhuma mudar a vogal temática de substantivos e adjetivos pra ser "neutre".

Em português, a vogal temática na maioria das vezes não define gênero. Gênero é definido pelo artigo que acompanha a palavra.

Vou mostrar pra vocês:

O motorista. Termina em A e não é feminino.

O poeta. Termina em A e não é feminino.

A ação, depressão, impressão, ficção. Todas as palavras que terminam em ação são femininas, embora terminem com O.

Boa parte dos adjetivos da língua portuguesa podem ser tanto masculinos quanto femininos, independentemente da letra final: feliz, triste, alerta, inteligente, emocionante, livre, doente, especial, agradável, etc.

Terminar uma palavra com E não faz com ela seja neutra.

A alface. Termina em E e é feminino

O elefante. Termina em E e é masculino.

Como o gênero em português é determinado muito mais pelos artigos do que pelas vogais temáticas, se vocês querem uma língua neutra, precisam criar um artigo neutro, não encher o texto de X, @ e E.

E mesmo que fosse o caso, o português não aceita gênero neutro. Vocês teriam que mudar um idioma inteiro pra combater o "preconceito".

Meu conselho é: em vez de insistir tanto na questão do gênero, entendam de uma vez por todas que gênero não existe, é uma coisa socialmente construída.

O que existe é sexo.

Entendam, em segundo lugar, que gênero linguístico, gênero literário, gênero musical, são coisas totalmente diferentes de "gênero".

Não faz absolutamente diferença nenhuma mudar gêneros de palavras.

Isso não torna o mundo mais acolhedor.

E entendam, em terceiro lugar, que vocês podiam tirar o dedo da tela e pararem de falar bobagem e se engajarem em algo que realmente fizesse a diferença para melhorar o mundo , ao invés de ficarem arrumando discussões sem sentido.

Tenham atitude! (Palavra que termina em E e é feminina).

E parem de ficar militando no sofá! (palavra que termina em A e é masculina).
Aula encerrada.

Fonte: <https://observalinguaportuguesa.org/81743-2/>.

O tema é a desconstrução da tese do gênero neutro. Para isso, se usa a voz de uma suposta professora de português, que dará uma aula (que não é qualquer aula, é enfatizado que haverá informações diferenciadas).

No quadro 2, realizo algumas considerações acerca do texto acima, procurando observar, a partir de estudos linguísticos, como tais argumentos não se sustentam e que tentam, tão somente, procurar um inimigo invisível, mobilizando o interesse coletivo no sentido de combater a “ideologia de gênero”. Tal processo é um mecanismo, um instrumento da guerra cultural, em manter acesso ou em evidência um inimigo invisível, contra o qual é preciso lutar, em um intenso combate do bem contra o mal.

Quadro 2 - Análise do texto

Trechos do texto	Análise
Professora de Português dando aula. E que aula!!!	Falso apelo à autoridade (irrelevante). A voz é de uma professora ou uma ideia coletiva? Não há uma autoria expressa. A quem interessa o apagamento do autor? Logo após, há um comentário que expressa um valor acerca do que será exposto: “E que aula!!!”
Vamos conversar. Não sou homofóbica, transfóbica, gordofóbica. Eu sou professora de português	Expressa palavras provenientes do campo progressista. Depois, reafirma a autoridade. Diz que propõe um diálogo. Mas ele não se constitui ao longo da “aula”
Eu estava explicando um conceito de português e fui chamada de desrespeitosa por isso. Eu estava explicando por que não faz diferença nenhuma mudar a vogal temática de substantivos e adjetivos pra ser "neutre".	Há aqui uma estratégia de vitimização. A suposta professora diz que foi desrespeitada. Mas por quem? A quem interessa a todo momento ser vago, por quais motivos não se evidenciam os autores? Após essas informações, a aula começa, e é a estrutura de uma aula expositiva; não há, na organização da explicação da aula, qualquer tipo de inclinação para o diálogo. Fora que os “conceitos” apresentados não encontram eco na realidade
E mesmo que fosse o caso, o português não aceita gênero neutro. Vocês teriam que mudar um idioma inteiro pra combater o "preconceito"	A Língua Portuguesa pode não aceitar gênero neutro por outros motivos, que não o combate ao preconceito. Redução da questão
Meu conselho é: em vez de insistir tanto na questão do gênero, entendam de uma vez por todas que gênero não existe, é uma coisa socialmente construída	Diz que vai aconselhar. Mas é um conselho? O discurso todo se constrói na ideia de uma suposta sugestão que não vem

<p>Não faz absolutamente diferença nenhuma mudar gêneros de palavras. Isso não torna o mundo mais acolhedor. E entendam, em terceiro lugar, que vocês podiam tirar o dedo da tela e pararem de falar bobagem e se engajarem em algo que realmente fizesse a diferença para melhorar o mundo, ao invés de ficarem arrumando discussões sem sentido</p>	<p>O texto sobe o tom. Desqualifica aqueles que se colocam à frente do debate. Os verbos no imperativo expressam uma ordem, uma linguagem autoritária. Percebam que, mais uma vez, há uma tentativa de redução da questão. Mas ela está posta, é uma questão de linguagem. Como ignorar?</p>
<p>Tenham atitude! (Palavra que termina em E e é feminina). E parem de ficar militando no sofá! (palavra que termina em A e é masculina). Aula encerrada</p>	<p>Percebam que a aula é encerrada. Mas não havia uma proposta de diálogo? Em que momento do texto houve uma tentativa de propor um diálogo?</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo Rocha (2023, p.13), a guerra cultural “é uma matriz de produção em série de narrativas polarizadoras cuja radicalização crescente engendra sem trégua inimigos imaginários, mantendo a militância em estado permanente de excitação”. Vamos à análise do texto. Ao propor um texto assim, qual a intenção ou finalidade? Se houvesse uma análise mais atenta ou uma consulta aos especialistas, o divulgador da mensagem evitaria uma exposição desnecessária, mas tais “informações” reforçam apenas seus sistemas de crenças.

Faço também uma breve análise de outro texto (Quadro 3) que circula em correntes de *WhatsApp* no país. Mas a situação é outra. Menciona o fato de a Europa ter perdido a força de expressão por abrir suas fronteiras aos “muçulmanos”, o que permitiu a extinção em massa de milhares de judeus durante a II Guerra Mundial. O que se aponta nesse tipo de discurso é que uma coisa não estabelece relação com a outra, o que há somente é a tentativa, mais uma vez, de eliminação do outro, a partir da falsa generalização.

Quadro 3 - Texto decorrente que circula pelo WhatsApp

<p>*A Europa morreu em Auschwitz* Quem ou o que realmente morreu em Auschwitz? Aqui está um ponto de vista interessante.</p> <p>Abaixo segue cópia de artigo escrito pelo escritor espanhol Sebastian Villar Rodríguez e publicado em jornal espanhol. Não é preciso muita imaginação para transmitir a mensagem ao resto da Europa – e talvez também ao resto do mundo.</p> <p>*Eu estava andando pelas ruas de Barcelona e de repente descobri uma verdade terrível - a Europa morreu em Auschwitz!!*</p> <p>*Matamos seis milhões de judeus e os substituímos por 20 milhões de muçulmanos nas últimas quatro décadas* !!</p> <p>*Em Auschwitz queimamos um grupo de pessoas que representavam cultura, pensamento, criatividade, talento* *Destruímos o povo escolhido, os verdadeiramente escolhidos, porque eles deram origem a pessoas grandes e maravilhosas que deram grandes contribuições ao mundo e, assim, mudaram o mundo*.</p>

A contribuição do povo judeu hoje é sentida em todas as áreas da vida: Ciência, Arte, Comércio internacional e, acima de tudo, como Consciência do mundo

Veja qualquer quadro de doadores em qualquer sinfonia, museu de arte, teatro, galeria de arte, centro de ciências, etc. Você verá muitos, muitos sobrenomes judeus. Estas são as pessoas que foram queimadas. Dos 6.000.000 que morreram, quantos cresceriam e se tornariam músicos, médicos, artistas, filantropos talentosos?

* Sob o pretexto de tolerância, e porque queríamos provar a nós próprios que estávamos curados das doenças do racismo e da intolerância, a Europa abriu as nossas portas a 20 milhões de muçulmanos, que nos trouxeram a estupidez e a ignorância, o extremismo religioso e a intolerância. Inclusive crime e pobreza, devido à falta de vontade de trabalhar e sustentar as suas famílias com orgulho*.

Eles explodiram nossos trens e transformaram nossas belas cidades espanholas no terceiro mundo, afogando-se na sujeira e no crime. Trancados nos apartamentos, eles recebem dinheiro de graça do governo, planejam o assassinato e a destruição de seus anfitriões inocentes.

E assim, na nossa miséria, trocamos a cultura pelo ódio fanático, a habilidade criativa pela habilidade destrutiva, a inteligência retardada e a superstição.

Substituímos a busca pela paz dos judeus europeus e o seu talento para um futuro melhor para os seus filhos, o seu apego determinado à vida (porque a vida é sagrada), para aqueles que perseguem a morte, por pessoas consumidas pelo desejo de morrer por si mesmas.

Outros, para os nossos filhos e os deles.

Que erro terrível e infeliz a Europa cometeu!!.

Recentemente, a Grã-Bretanha debateu se deveria remover o Holocausto do seu currículo escolar porque "ofende" a população muçulmana (que afirma que nunca aconteceu). *Ainda não foi removido. No entanto, este é um sinal assustador do medo que domina o mundo e da facilidade com que todos os países sucumbem a ele*.

Hoje, já se passaram cerca de setenta anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. Este e-mail foi enviado como uma corrente memorial, em memória dos seis milhões de judeus, vinte milhões de russos, dez milhões de cristãos e mil e novecentos padres católicos que foram "assassinados, estuprados, queimados, famintos, espancados, submetidos a experiências humilhantes".

Agora, mais do que nunca, quando o Irã IR, entre outros, afirma que o Holocausto é um "mito", é necessário garantir que o mundo *nunca se esqueça!!*.

Quantos anos se passarão até que o ataque ao World Trade Center será declarado como "nunca aconteceu" porque fere alguns muçulmanos nos Estados Unidos?

Se a nossa herança judaico-cristã ofende os muçulmanos, eles deveriam fazer as malas e mudar-se para o Irã IR, para o Iraque ou outro país muçulmano.

Devemos acordar a América, a Inglaterra, a Austrália e a Europa antes que seja tarde demais!!.

"Se você não está interessado nos assuntos do seu governo, então você está condenado a viver sob o domínio dos tolos".

Por favor, não exclua esta mensagem; Levará apenas um minuto para encaminhá-lo.

(Este e-mail foi projetado para atingir 400 milhões de pessoas. Seja um elo na corrente da comemoração e ajude a divulgá-la pelo mundo!!)

Fonte: <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2794946/colunistas/2023/10/auschwitz-o-inicio-da-decadencia>.

Pode até parecer que esses modelos não seguem a proposta até aqui delineada, pois não evidenciam debates organizados, mas são mensagens como essas que se capilarizam rapidamente pelas infovias das redes sociais, mobilizando

milhares de pessoas, estimulando-as ao sentimento de preconceito e instigando conflitos (os quais se manifestarão depois pela retórica da violência). Não é esse um caminho da violência? Segue o texto e a análise de alguns de seus trechos (o texto é a versão que circula pelas redes sociais, sem revisões ou alterações)

Segue a análise de alguns trechos selecionados do texto acima (Quadro 4).

Quadro 4 - Análise de alguns pontos do texto

Trechos do texto	Análise
Em Auschwitz queimamos um grupo de pessoas que representavam cultura, pensamento, criatividade, talento *Destruímos o povo escolhido, os verdadeiramente escolhidos, porque deram origem a pessoas grandes e maravilhosas que deram grandes contribuições ao mundo e, assim, mudaram o mundo*	O que mais surpreende nesse texto é que ele procura exaltar uma cultura e segregar outra. Há aqui uma série de palavras que enaltecem a cultura judaica: “criatividade, talento, pessoas grandes e maravilhosas e que mudaram o mundo”. Mais à frente, teremos uma contraposição e esses fatores. Observe o contraste e a violência na linguagem
* Sob o pretexto de tolerância, e porque queríamos provar a nós próprios que estávamos curados das doenças do racismo e da intolerância, a Europa abriu as nossas portas a 20 milhões de muçulmanos, que nos trouxeram a estupidez e a ignorância, o extremismo religioso e a intolerância. Inclusive crime e pobreza, devido à falta de vontade de trabalhar e sustentar as suas famílias com orgulho*	Enquanto os judeus trouxeram marcas positivas ao mundo, conforme o texto (em sua versão completa, o autor chega a empilhar o número de prêmios Nobel em cada cultura), os muçulmanos trouxeram a “estupidez e a intolerância”; “Inclusive crime e pobreza, falta de vontade de trabalhar”. De que forma a pessoa chegou a esta conclusão? Isso nada mais é do que uma falsa generalização, estratégia argumentativa falaciosa que abordamos aqui
Recentemente, a Grã-Bretanha debateu se deveria remover o Holocausto do seu currículo escolar porque “ofende” a população muçulmana (que afirma que nunca aconteceu) *Ainda não foi removido. No entanto, este é um sinal assustador do medo que domina o mundo e da facilidade com que todos os países sucumbem a ele*	Outro trecho que chama a atenção é uma notícia falsa acerca da Grã-Bretanha e um suposto debate naquele país a respeito da exclusão do Holocausto. Mas a informação não procede. O que procede é que a Noruega, durante o governo conservador de Erna Solberg, elaborou um projeto com este teor ⁷
Hoje, já se passaram cerca de setenta anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Este e-mail foi enviado como uma corrente memorial, em memória dos seis milhões de judeus, vinte milhões de russos, dez milhões de cristãos e mil e novecentos padres católicos que foram “assassinados, estuprados, queimados, espancados, submetidos a experiências humilhantes”	Apenas para finalizar essa breve análise, observemos os grupos elencados pelo autor do texto que foram vítimas do nazismo. Não há menção às minorias, como grupos políticos discordantes, homossexuais, pessoas com deficiência, entre outros.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Há tantos problemas nesse texto que ele, por si só, moveria um assunto para um trabalho bem maior. É necessário dismantelar esse tipo de desinformação,

⁷ Para ter mais informações, acessar: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/04/cultura/1543912189_685362.htm.

mostrar para alunos (e para a sociedade) os equívocos de textos assim e desenvolver estratégias para identificar/reconhecer/denunciar esse tipo de informação falsa, a fim de romper a corrente (e não encorajá-la). No final, a ideia é uma só e sintetizada no princípio do “nós contra eles”: se alguém não coaduna com ou corrobora o meu pensamento, essa pessoa deve desaparecer (ir para outro lugar) ou “precisa se adequar”, como frisou o ex-presidente Bolsonaro ao afirmar:

Outro dia eu falei... A mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... **As leis existem, no meu entender, para proteger as majorias. As minorias têm que se adequar...** (Uol, 2024, n.p. *grifo meu*)⁸

Todos os textos aqui apresentados guardam uma mensagem forte, em si, de negação do outro, da existência do outro. Podem parecer mensagens inofensivas, caricatas, mas não é para quem acredita nelas. Assim, é sempre importante para grupos autoritários criar um inimigo imaginário, invisível, a fim de propor uma guerra simbólica/cultural que precisa ser travada para a manutenção e a saúde da sociedade, que está degenerada.

São argumentos simplórios que poderiam ser desmontados de forma simples, mas não o são. Assim, é fundamental que, na escola, sejam organizados estudos e debates acerca desse assunto, pois podemos correr o risco de pavimentar o caminho para uma sociedade fanatizada e autoritária ao extremo e isso não ocorre de uma hora para outra, é algo lento, um processo de envenenamento diário, cotidiano, para o qual temos fechado nossos olhos. É hora então de propor, de construir sugestões, com intuito de reestabelecer o diálogo ético e responsável.

A BNCC (Brasil, 2018) propõe que os educadores busquem propostas de trabalhos no campo da argumentação. Nas Competências Gerais, previstas para a área de Linguagens, o documento enfatiza a importância de

[...] utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p. 490).

Acredito que é plenamente possível e desejável o desenvolvimento de propostas nesse sentido desde os anos séries iniciais até a etapa final da educação

⁸ Para ter mais informações, acessar: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm?cmpid=copiaecola>.

básica. Para citar um exemplo, no campo da vida pública⁹, dentro da prática de linguagem que mobiliza capacidades quanto à oralidade, há a seguinte habilidade prevista para o 5º ano: “(EF05LP19) Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes” (Brasil, 2018, p. 127).

Já quanto aos anos finais, há diversos pontos no documento normativo que indicam a necessidade de desenvolver as capacidades de negociar, de adequar os recursos linguísticos às necessidades de interação e de lidar com situações conflituosas, de críticas e de opiniões divergentes. Desde a capacidade de reconhecer, pela leitura, as estratégias argumentativas em textos, até o desenvolvimento de planejar coletivamente um debate, em que os alunos necessitam

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes (Brasil, 2018, p. 181).

Entretanto, antes de construir um planejamento para pôr em prática argumentos, é importante que o professor mostre aos alunos o que é um argumento, como ele se estrutura e/ou se organiza, quais estratégias podemos empregar para reforçar nossos argumentos; explicita a diferença entre fatos e opiniões; entre outros tópicos também expostos na BNCC (Brasil, 2018); com relação a isso, é preocupante que no Ensino Médio é mencionada a consolidação das aprendizagens que são construídas/desenvolvidas, inicialmente, no Ensino Fundamental.

A grande questão é quando há evidentes lacunas de aprendizagens, pelo fato de as habilidades e objetos de conhecimento não terem sido devidamente abordados nas etapas da educação básica correspondentes ao Ensino Fundamental. Diante

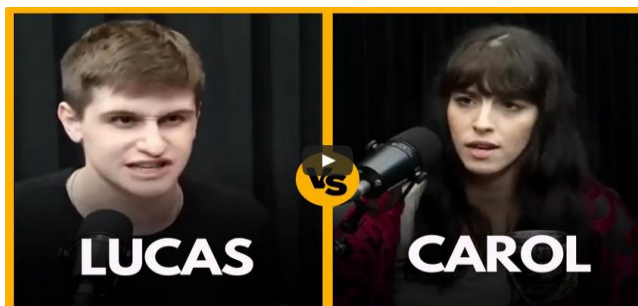
⁹ Os campos de atuação nos anos iniciais, conforme a BNCC (Brasil, 2018, p. 84) são: “Campo da vida cotidiana; Campo artístico-literário; Campo das práticas de estudo e pesquisa; Campo da vida pública”.

disso, como será possível para ele fazer uso do seu repertório social/cultural de forma articulada, empregando estratégias argumentativas para a produção de um texto se os alunos não reconhecem um argumento ou como ele é organizado?

Nesse sentido é importante, por exemplo, pensar com os alunos por meio de debates. Para explicitar esse processo, vou me ater a um trecho de debate realizado entre Caroline Sadar e Lucas Pavanato para o [@RealPodcastOficial](#). Meu intuito é reiterar e não realizar uma análise exaustiva do debate, pela brevidade deste trabalho, dessa forma, vou apresentar um exemplo.

Sendo assim, selecionei um momento para comentários das estratégias empregadas. Talvez seja este um dos exemplos mais ilustrativos de como vencer um debate tendo razão, com argumentos sólidos e sem recorrer às armas da provocação (utilizadas por um dos interlocutores). Apenas informações qualificadas desmontam os falsos argumentos (Imagem 3). Fica a dica para uma análise mais criteriosa dos movimentos desse debate.

Imagem 3 - Debate entre Caroline Sadar e Lucas Pavanato



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JlAgfP7kDfl&t=2193s>.

Abaixo, segue a breve análise (Quadro 5) do debate.

Quadro 5 - Análise de trechos do debate

Trecho com a minutagem	Transcrição da Fala de Lucas	Transcrição da Fala de Carol
00:33:42 Redução da Maioridade Penal	[...] uma das filósofas que você gosta bastante. Diversos alunos dela fizeram denúncias sobre aliciamento de menores. Inclusive, a Simone de Beauvoir militou para reduzir a idade de consentimento. Por que que uma pessoa tem interesse em reduzir a idade do consentimento? Militante pró-pedofilia, era isso que Simone Beauvoir era e é uma das pensadoras que te informam, que você gosta, né? De citar... E	Você fala de pedofilia como se pedofilia fosse relacionamento com pessoas de 16 e 17 anos. Todas as alunas de Simone de Beauvoir tinham entre 16 e 17 anos [...] Elas falaram do relacionamento depois da Simone Beauvoir falecer. A suspensão aconteceu numa faculdade que a Simone trabalhava porque a mãe denunciava a relação da filha com a professora. Também acho isso errado, não concordo que professores tenham relacionamentos com seus alunos. Eu sou crítica disso, não concordo. Eu também não vou concordar com uma filósofa que assinou uma petição

	<p>gosta inclusive de dizer que é mentira, mas alienação. O aliciamento de menores é um fato. Inclusive, ela foi expulsa de um dos lugares que ela dava aula por conta disso. É um fato, é um fato também que ela militou a favor da redução da idade do consentimento, militou a favor da pedofilia. É isso que ela fez, é uma feminista. É isso que, no fundo, o feminismo é, mas não é isso que vocês vendem publicamente.</p>	<p>em 1977 com outros 70 filósofos para abolição da idade de consentimento, assim como eu também sou contra a redução da maioria penal, porque eu não acho que a criança nem pode ter consentimento e nem muito menos que ela possa cometer um crime, mas eu vejo que a galera da direita defende bastante a redução da maioria penal, porque acredita que ele já tem consentimento e já tem noção dos seus atos então a direita defende a redução da maioria penal porque acha que ele já pode cometer um crime, que uma criança, um adolescente, já pode cometer um crime, mas a Simone Beauvoir vai em “1900 lá vai bolinha” assinar uma petição lá na França e isso é utilizado como argumento para as feministas em 2023 no Brasil. Agora, eu posso pegar, por exemplo, a Igreja Católica e falar de todas as pedofílias que acontecem na França na Polônia e todos esses lugares e generalizar os cristãos com o que acontece de pedofilia dentro da igreja, Lucas? Óbvio que não eu posso.</p>
Análise do trecho		
<p>No caso acima, temos uma generalização por indução a partir de casos individuais. Esse processo é apontado por Caroline Sarda, no debate, de que não posso traçar uma regra social a partir de um caso em particular. Essa é, por exemplo, dentro do conjunto lógico de estratégias de Schopenhauer, uma estratégia muito empregada.</p> <p>Um outro recurso também empregado é o da infelicidade, no qual há uma tentativa de se aproveitar das possíveis fragilidades das evidências do oponente. Quando se usa de argumentos históricos específicos, pode-se tentar “pegar” o oponente, no sentido de que ele não tem aquela informação específica. O que não ocorreu, pois o oponente estava devidamente seguro da questão. Tal fato também pode manifestar a estratégia da simpatia, já dentro do conjunto psicológico de estratégias, que é o fato de usar do pouco conhecimento da plateia para atacar o oponente. Ao que parece, houve também o uso da falsa analogia, porque se usa de um dado histórico para apontar ou definir uma categoria: o feminismo. Um caso é usado para definir um sistema de pensamento.</p>		

No momento atual, há canais no *YouTube* que, mesmo diante de uma orientação política divergente, já estão incorrendo para o uso das mesmas armas, de forma a estimular/emular a violência. Por mais que concorde com o fato de que alguns ideólogos da extrema-direita não possuem qualquer empatia por aqueles de pensamento divergente do seu, por mais que saiba que sempre usarão as fragilidades dos seus adversários para humilhá-los e desmoralizá-los, não é possível construir uma sociedade que se movimenta ou que estabeleça suas bases e princípios pelas manifestações de ódio. Então, tal debate pode ser fomentado nas escolas desde cedo, a fim de incentivar um diálogo respeitoso entre as partes.

5 PROPOSTAS PARA UMA RECONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO: VIVÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O quanto de violência pode carregar uma palavra? Há muitas formas de responder a esse questionamento, mas a centralidade da questão repousa na ideia de que podemos agir por meio da palavra e cultivar uma diversidade de sentimentos. Quando mencionei o cultivar, é porque há caminhos para se expandir uma ideia em uma pessoa e implantar em seu subconsciente um tipo de força que se alastra, deixando a pessoa ausente de si mesma.

Christopher Nolan, cineasta britânico, trouxe um exemplo de como isso funciona a partir de um filme que no Brasil recebeu o título de “A Origem” (*Inception*), no qual Dom Cobb (interpretado por Leonardo Dicaprio) é um habilidoso ladrão dotado de uma habilidade incomum: rouba segredos por meio do inconsciente, agindo nos sonhos. Mas durante o filme, o desafio de Cobb será outro: implantar uma ideia na raiz do subconsciente de um herdeiro de um império. Feita a implementação, haverá uma nova perspectiva, outra maneira de encarar o mundo e a realidade.

Parece distante do que pretendo aqui, mas não é, pois, mesmo em vigília, podemos estar em estado de ausência, de sonho (ou pesadelo) guiado por ideias, sendo movidos por outras pessoas. Nesse sentido, é possível observar que há a possibilidade de abdicar de quem se é para viver ideias que são estranhas até a própria pessoa, mas que, motivada ou guiada por palavras e ideias, pode viver em um estado de suspensão da consciência. No Brasil, temos visto um crescente movimento em direção à violência generalizada (o que alguns de forma mal-intencionada dizem ser desobediência civil), ostentando símbolos que carregam em si o estado mais puro da intolerância, do obscurantismo.

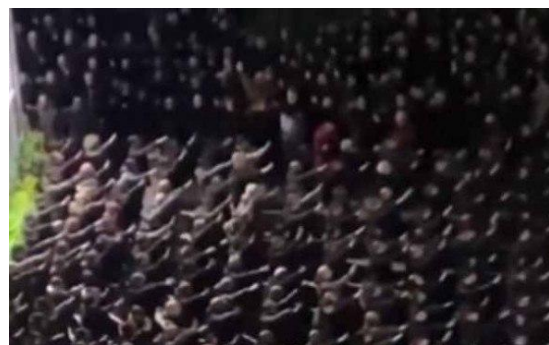
Isso ficou ainda mais evidente durante as manifestações antidemocráticas vividas pelos eleitores do então presidente Jair Bolsonaro em todo país, recusando-se a aceitar o resultado legítimo das urnas e em busca da instauração de uma intervenção militar no país. Vídeos em comemoração à prisão de ministros do STF e o uso do artigo 142 espalharam-se por grupos em redes sociais; além de fechamento de rodovias (com o uso de crianças como escudo) com a conivência de órgãos do Estado; e a ostentação pública de símbolos nazistas – como a antimanifestação em SC de um grupo de pessoas realizando a *Deutscher Gruß*, saudação a Hitler (Imagens 4 e 5).

Imagem 4 - Saudação nazista em Santa Catarina



Fonte:
https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/11/02/interna_politica,1416374/mp-de-santa-catarina-investiga-saudacao-nazista-em-protesto-bolsonarista.shtml. Acesso em: 25 mar. 2024.

Imagem 5 - Saudação nazista na Itália



Fonte:
<https://www.em.com.br/internacional/2024/01/6782734-video-homens-fazem-saudacao-nazista-em-comicio-na-italia.html>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Mas não é o objetivo deste trabalho aprofundar-se na questão simbólica, representada em gestos ou na estética fascista que, em algumas situações, passam despercebidas; o objetivo aqui é falar da linguagem, do uso da língua como elemento de violência psicológica e instrumento de alienação e de como podemos encontrar alternativas para essa ferida que só cresce na sociedade brasileira.

É nesse ponto que apresento alguns elementos da proposta de comunicação não violenta, de Marshall Rosenberg (2021), e de como é possível, por meio das práticas por ele sugeridas, reconstruir o diálogo e aprimorar nossa comunicação, buscando relações pessoais mais saudáveis e propositivas.

Desse modo, o que busco não é apenas um enfrentamento, mas uma caminhada em direção ao diálogo, a um exercício mais renitente de compreensão do outro. Não é, entretanto, passividade. Passividade é uma espécie de alienação. Não se trata de aceitação, mas de um confronto em que a escuta esteja presente. Temos perdido a capacidade de escutar, e ainda há aqueles que realmente optaram por não escutar e não dialogar, e sim esbravejar e impor.

Sempre haverá, claro, o lobo faminto, tal como nas fabulações de Esopo; entretanto, não é parte do pensamento aqui exposto a aceitação do que está em correlação com manifestações de ódio. O que temos hoje é um escalonamento da violência. Por que então não levar isso como proposta de debate para os jovens, com intuito de que desde cedo saibam como argumentar e priorizar a ética em um diálogo?

O que sistematizei neste trabalho vai ao encontro do pensamento de Luther King quando diz:

Eu não penso no amor, nesse contexto, como uma tolice sentimental. Eu penso no amor como algo forte, que bem organizado vira uma ação direta poderosa. É isso que tentei ensinar na luta no Sul. Não estamos envolvidos numa luta que significa que vamos sentar e não fazer nada. Existe uma grande diferença entre 'não-resistência' ao mal e a resistência sem violência¹⁰.

Ao afirmar esses pontos, parto agora para a proposta de sequência de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula para ampliar a consciência socioideológica dos estudantes quanto à importância de um debate equilibrado, a fim de que possam buscar a consensualidade, mesmo no natural e saudável enfrentamento de ideias.

5.1 O coração da comunicação não violenta: uma proposta de sequência de atividades

*“O que me preocupa não é nem o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética... o que me preocupa é o silêncio dos bons”
(Martin Luther King)*

A Comunicação Não Violenta (CNV) é um modo especial de concentrar a atenção, de ouvir e um modo de falar. A escuta envolve uma atenção empática ao que o outro diz e de como o que é dito expressa as suas bases/estruturas emocionais; a partir disso, há uma resposta, em que a materialização e organização do discurso envolve uma escolha criteriosa de palavras, de modo a envolver o outro pela sinceridade e a clareza. Pelos princípios da Comunicação Não Violenta, a não reação ao ódio é um modo de desarmá-lo.

É claro que isso não significa assumir uma atitude passiva, como na fábula do Lobo e o Cordeiro, não é submissão; mas também não é usar as mesmas armas do outro para dissuadi-lo da sua estratégia. É necessário desmontar a canalização do ódio e da hostilidade. E como fazer isso com pessoas que não propõem nada, mas apenas visam ao tumulto e ao desastre? Aqui, considero esse problema, entretanto, não é meu intuito estabelecer regras fixas ou representar, com todas as letras, o que está descrito no manual de Rosenberg (2021).

¹⁰ Você pode encontrar a citação neste link da plataforma *YouTube* (a citação aparece a partir dos 26 minutos): <https://www.youtube.com/watch?v=LAfLH2cTEOQ>. Acesso em: 9 abr. 2024.

Vamos fazer uso delas, mas também proponho outras, no intuito de dizer, já explicitamente, que não há fórmulas para a complexidade das relações humanas, sempre imprevisíveis, entretanto, há caminhos, sim, para a redução da escalada da retórica do ódio, e precisamos considerar o que outros já pavimentaram de caminho nesse sentido.

Com base nessas afirmações, delineei esta seção da seguinte maneira: A) exposição do que é a Comunicação Não Violenta (CNV), com base nos pressupostos de Rosenberg (2021); B) como as estratégias de Rosenberg (2021) podem nos ajudar a neutralizar a retórica do ódio nas mais diversas relações; C) apresentar uma proposta ou sugestão de trabalho com alunos do ensino médio acerca dessas questões.

5.1.1 O que significa a comunicação não violenta (CNV)

A Comunicação Não Violenta (CNV) é uma sequência de sugestões, com base na escuta empática, que tem como finalidade diluir conflitos e encontrar caminhos para a conciliação. Mas não é só escuta, assim como também não é uma forma de comunicação somente. Para Rosenberg (2021, p. 21) a CNV é um “lembrete permanente para concentrar a atenção onde teremos maior probabilidade de achar o que procuramos”.

Nesse sentido, o que o autor defende é que as relações sejam constituídas/tecidas a partir de um interesse genuíno pelo outro, é uma filosofia da não indiferença, baseada em um sistema de compaixão no qual a escuta profunda é a base. Quando o autor menciona o interesse real, esse fato aponta para a compreensão de que, apesar de haver estratégias, apesar de haver uma organização e um método, a linguagem não pode ser artificial; não são técnicas (como as estratégias erísticas) formais ou “uma fórmula fixa, mas algo que se adapta a situações variadas e também práticas pessoais e culturais” (Rosenberg, 2021, p. 24).

Como frisei, não há só escuta, há método, e a CNV estabelece quatro componentes centrais para o seu desenvolvimento: observação (do que acontece conosco em situações específicas), sentimentos (quais os estados emocionais acarretados por essas situações), necessidades (quais os valores que geram os sentimentos) e pedidos (que tipos de ações podemos desenvolver para tornar a vida mais rica e significativa). Já no primeiro passo, notei o quanto a metodologia da CNV

pode nos ajudar a compreender o outro, pois, ao enfatizar a observação, Rosenberg (2021) compreende que o modo como eu observo o outro precisa estar isento de posturas generalizantes, é uma avaliação sem um olhar judicativo.

Em uma sociedade dominada pela retórica da violência, pôr em evidência esse comportamento pode ser um caminho possível para desatarmos os nós que obstruem o diálogo (como nas falsas generalizações, tão permanentes na midiosfera da destruição). Algo que é interessante na proposta de Marshall Rosenberg (2021) é que não há nada de absolutamente novo, mas há um conjunto sistêmico de sugestões possíveis baseados na ideia de que a língua é um processo dinâmico.

Como aponta Rosenberg (2021, p. 46): “A CNV é uma linguagem dinâmica que desestimula generalizações estáticas; ao contrário, as avaliações devem sempre basear-se nas observações específicas de cada momento e contexto”. Um bom exercício é ver como isso funciona de modo prático em exercícios que podem ser aplicados em sala de aula, como veremos mais adiante. A questão da generalização é marcada linguisticamente em um quadro apresentado pelo psicólogo (Quadro 6).

Quadro 6 - A distinção entre observação e avaliação

Comunicação	Observação com avaliação	Observação sem avaliação
1. Usar verbo “ser” se indicar que o avaliador se responsabiliza pela ação	Você é generoso demais	Quando o vejo dar aos outros todo o dinheiro do almoço, acho que está sendo generoso demais
2. Usar verbos que conotam avaliação	João vive deixando as coisas para depois	João só estuda na véspera das provas
3. Concluir que as inferências de uma pessoa sobre intenções, pensamentos, desejos ou sentimentos de outra pessoa são as únicas possíveis	O trabalho dela não será aceito	Acho que o trabalho dela não será aceito ou Ela disse que o trabalho dela não seria aceito
4. Confundir previsão com certeza	Se você não comer comida saudável, sua saúde será prejudicada	Se você não comer comida saudável, sua saúde talvez seja prejudicada
5. Não dizer exatamente a que pessoa você se refere	Os estrangeiros não cuidam da própria casa. Não vi aquela	Não vi aquela família estrangeira da outra rua limpar a calçada
6. Usar palavras que denotem habilidade sem indicar que se está fazendo uma avaliação	Zequinha é um péssimo jogador de futebol	Em 20 partidas, Zequinha não marcou nenhum gol
7. Usar advérbios e adjetivos de um modo que não indique uma	Carlos é feio	A aparência de Carlos não me atrai

avaliação		
-----------	--	--

Fonte: Rosenberg (2021, p.51).

Apesar de considerar as reflexões de Rosenberg (2021) interessantes e de aplicabilidade possível em nosso cotidiano, é sempre importante também construir reflexões, ponderações acerca de práticas que têm como objetivo a mudança de hábitos e comportamentos. No Quadro 6, no último exemplo, por mais que haja um esforço em propor diminuir a intensidade da mensagem, ela ainda é ofensiva, pelo menos para aquele que a receberá.

Nem sempre suavizar a linguagem indicará uma ausência de violência (em algumas situações, ela fica ainda mais intensa). Ainda assim, considero válidas e importantes as formas expostas no livro como uma opção possível (e não a única e nem isenta de falhas) para que possamos romper com o ciclo de violência no qual muitos de nós estamos inseridos, que é a de empregar uma linguagem que desumaniza o outro ao ponto de compreendê-lo como uma pessoa possível de ser eliminada.

Então, como é possível, de modo prático, construir exercícios possíveis, sempre a partir de sugestões, para melhorar o diálogo em nosso cotidiano e expandir o olhar em direção a uma perspectiva mais humanizadora a respeito das necessidades dos outros? É o que será feito na atividade a seguir, composta de uma série de tarefas que têm por base a comunicação não violenta.

Nesse ponto, não adotarei apenas o livro de Rosenberg (2021) para a construção das tarefas, mas outras obras também que dialogam com a proposta do psicólogo estadunidense. É importante reiterar que, longe de mim a pretensão de construir um manual de bom comportamento, pois considero que todo pensamento, que tem por base uma organização fixa é, em si, violento. O que manifesto aqui são sugestões, passíveis de ponderações, contestações, customizações e ampliações. Feitas essas reflexões, vamos agora pensar na sequência de ações.

5.1.2 Proposta de atividade

TEMA - DEBATE REGRADO NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPÍRITO CRÍTICO E DIALÓGICO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA: POR QUE ESTE TEMA É IMPORTANTE?

- ❖ **Gênero textual:** Debate.
- ❖ **Práticas de linguagem:** Leitura, oralidade, análise linguística e produção textual.
- ❖ **Público-alvo:** Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio (desde que sejam feitas adequações nas tarefas).
- ❖ **Campo de atuação:** Jornalístico-midiático; Campo da vida pública.
- ❖ **Aulas previstas:** 14 aulas de 50 minutos cada (**É uma estimativa de tempo, podendo ser revista ou redefinida, a partir das especificidades do público**)
- ❖ **Objetivo geral da atividade:** Desenvolver uma sequência de atividades relacionada ao gênero debate, com ênfase nos aspectos que envolvem a oralidade, a argumentação, a leitura e a produção de texto. Os alunos do nono ano do Ensino Fundamental serão convidados a conhecer mais e a desenvolver tarefas relacionadas a esse gênero discursivo, com a finalidade de, ao final, realizarem um debate regrado.
- ❖ **Competência geral da área e específica de língua portuguesa (BNCC):** Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Habilidades a serem exploradas na temática de trabalho

Habilidade em foco: (EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do

debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.

Outras habilidades envolvidas: (EF67LP04) Distinguir, em segmentos descontínuos de textos, fato da opinião enunciada em relação a esse mesmo fato. (EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA

Iniciando o diálogo (tempo previsto: 2h/a de 45 minutos para cada provocação)

É importante que o professor explique aos alunos o motivo das tarefas e a importância de se trabalhar o tema. Nesse sentido, precisa apresentar, em slides ou material impresso: os objetivos da sequência de atividades; o percurso que será adotado e qual contrato didático precisa ser construído a fim de que todos se sintam responsáveis pelo sucesso da proposta; como as tarefas serão avaliadas, entre outras informações que o docente julgue importante expor.

Após a apresentação, sugiro algumas provocações para ativar os conhecimentos prévios dos alunos. Ao professor, proponho que escolha **apenas uma** das provocações abaixo, pois o objetivo aqui é fazer um levantamento do que conhecem acerca da temática. São sempre sugestões. Nesse sentido, o mediador da aprendizagem pode construir outras ou modificar as que estão sendo aqui apresentadas. O importante é que realize com os alunos momentos antes da leitura dos textos.

PROVOCAÇÃO 1

Ler o texto abaixo em voz alta e realizar a pergunta ao final que será o coração da proposta (**Ela é o coração da proposta, pois tentei aqui buscar mover minhas intenções para um diálogo respeitoso, o que se contrapõe ao que diz a fábula abaixo**). O professor pode escolher um dos alunos para fazer uma espécie de mapa no quadro que sintetize a fala dos discentes enquanto ele faz a mediação. É importante anotar o nome do aluno e uma palavra que sintetize sua fala. O professor precisa, ao final, retomar tudo que foi falado.

“Era uma vez um lobo que bebia água num ribeiro. Um dia o viu um cordeiro que bebia da mesma água, um pouco mais abaixo. Mal o viu foi ter com ele de má cara, arreganhando os dentes.

— Como tens a ousadia de turvar a água onde eu estou a beber?

O cordeiro respondeu humildemente:

— Eu estou a beber mais abaixo, por isso não te posso turvar a água.

— Ainda respondes, insolente! — retorquiu o lobo ainda mais colérico. — Já há seis meses o teu pai me fez o mesmo.

Respondeu o cordeiro:

— Nesse tempo, Senhor, ainda eu não era nascido, não tenho culpa.

— Sim, tens — replicou o lobo —, que estragaste todo o pasto do meu campo.

— Mas isso não pode ser — disse o cordeiro —, porque ainda não tenho dentes.

Sem mais uma palavra, o lobo saltou sobre o cordeiro e o comeu”.

EM QUAIS SITUAÇÕES É IMPOSSÍVEL TER UM DIÁLOGO E POR QUÊ? PROVOCAÇÃO 2

Nessas primeiras ações, proponho algumas questões. O professor pode dividir os alunos em grupos e propor que conversem acerca das questões e sistematizem o que discutiram. Ao final, os alunos precisam socializar com os colegas o que foi debatido. Seguem as questões.

- O que você considera um bom debate?
- Você já presenciou alguma situação em que uma pessoa ofendeu a outra por não concordar com seu posicionamento?
- Você considera importante ter bons argumentos? Você acha que opinião é o mesmo que argumentos?
- O que podemos fazer para construir bons argumentos?

Após os questionamentos, o professor precisa apresentar a justificativa do trabalho. Nesse sentido, vai apresentar a chamada de uma reportagem (Imagem 6).

Imagem 6 - Reportagem do Portal HypeScience

Home • Outras

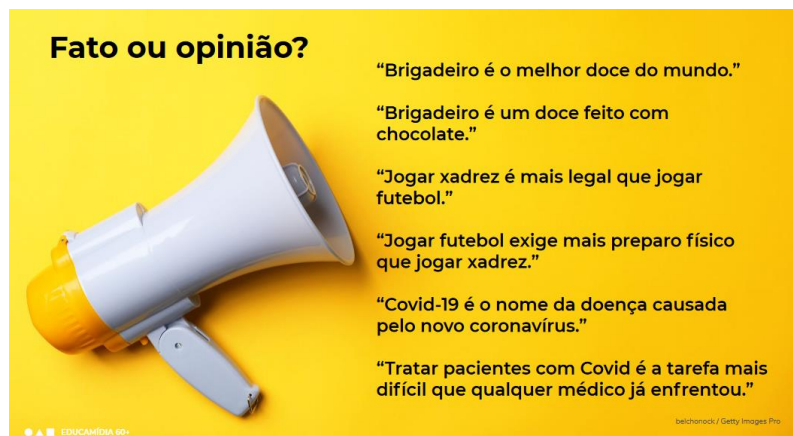
Assustador: apenas 9% dos adolescentes conseguem diferenciar fatos de opiniões

Por Juliana Blume, em 29.12.2019

Fonte: <https://hypescience.com/assustador-apenas-9-dos-adolescentes-conseguem-diferenciar-fatos-de-opinioes/>

Após projetar a chamada, o professor pode apresentar sequências de textos com opiniões e fatos para os alunos estabelecerem a diferença. Ao final, perguntar qual a importância social de reconhecer a diferença entre um fato e uma opinião. Os modelos podem ser usados a partir dos materiais do **Educamídia**, como nos exemplos abaixo (Imagem 7):

Imagem 7 - Material da Educamídia: diferenças entre fatos e opiniões



Fonte: <https://60mais.educamidia.org.br/wp-content/uploads/2021/11/2021-60-o-universo-da-informacao-slides-1-2.pdf>

Após as definições acerca do que é fato e do que é opinião, o educador pode apresentar as frases abaixo, que são manifestações publicadas no X/Twitter a respeito de quando o apresentador Fausto Silva (O Faustão) realizou um transplante de rim.

“Passou na frente de muita gente que espera por um transplante”.
“Gosto muito do Faustão, mas o meu pai também deveria ter prioridade”.
“Muita gente na fila e do nada ele quem ganha um coração”.
“Quem tem dinheiro não precisa ficar na fila do SUS”.¹¹

Após a exposição das frases, o professor pode promover um debate acerca do seguinte questionamento:

Você acha que essas manifestações são opiniões? Senão, no que elas diferem das opiniões?

Após o debate, o professor pode finalizar o primeiro movimento da sequência de atividades com o seguinte questionamento:

A partir do que conversamos, qual a importância e a responsabilidade que assumo ao dar o meu posicionamento a respeito de um assunto?

PROVOCAÇÃO 3

Além de convidar os alunos a manifestarem seu posicionamento, o professor também pode propor dinâmicas com intuito de realizar um exercício a respeito de

¹¹ Para ler mais, acessar: <https://educamidia.org.br/o-que-o-transplante-do-faustao-nos-ensina-sobre-fato-e-opinioao>. Acesso em: 21 jun. 2024.

como escutar com qualidade. Para isso, pode ser usada uma dinâmica, como a do aquário. Mas antes de explicar, sugiro que o professor apresente a reportagem a seguir:

Proibir ou enfrentar - O desafio do celular

Agora, apresento a dinâmica do aquário:

1 – Dois grupos são formados e dispostos em também em dois círculos concêntricos. Um círculo maior e outro menor. Um dentro do outro;

2 – O grupo do círculo menor detém a fala, somente eles podem falar. O do círculo maior escuta. (Há dois poderes, portanto, o da fala e da escuta); os representantes do círculo maior podem participar do debate, desde que peçam a um dos debatedores do círculo interno a ocupar o seu lugar no círculo maior. Isso permite que todos possam participar do debate.

3 – O professor precisa explicar o tema do aquário, que é o uso do celular em sala de aula, a partir do que foi lido na reportagem. O que eles acham acerca do uso do celular, atrapalha ou não? Também precisa expor a estimativa de tempo da dinâmica (que pode durar até 1h30) e como ela funciona.

4 – O papel do professor é o de mediador das interações. (Como sugestão, para não perder a riqueza das informações, é bom que alguém auxilie o professor e registre em um caderno os pontos centrais debatidos. O professor pode depois construir um mapa mental por um aplicativo e projetar para que todos possam acompanhar).

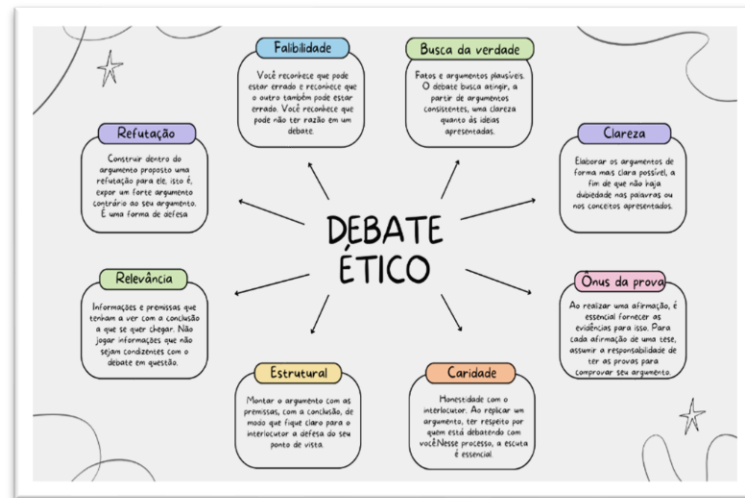
Ao final dos debates, sugerir uma reflexão acerca da importância da escuta e do respeito à fala do outro e se houve consensualidade ou não em cima do que foi debatido.

PROVOCAÇÃO 4

O professor pode apresentar um vídeo no qual o filósofo e escritor Henry Bugalho (2022) apresenta alguns princípios (código de conduta intelectual) para o debate ético e responsável entre as pessoas, elaborado por Edward Damer. O educador mediador apresenta o vídeo para a turma e ao final projeta um mapa mental (Imagem 8) com os princípios expostos. Ao expor, o professor pode fazer a seguinte pergunta:

Como podemos exercitar esses princípios nos debates que realizamos cotidianamente?

Imagem 8 - Mapa mental com os princípios para um debate ético



Fonte: Elaborado pelo autor. Imagem meramente ilustrativa.

Agora, sigo meu percurso com o conhecimento acerca do gênero debate e sua função social.

APRESENTAÇÃO AO GÊNERO DEBATE E SUA FUNÇÃO SOCIAL

(Tempo previsto: 4h/a de 45 minutos)

Tarefa 1 - Os alunos serão apresentados ao gênero debate para expandirem seus conhecimentos a respeito da sua importância, da função social do debate, dos motivos de termos argumentos embasados na realidade e de como construir esses argumentos. O professor introduz o gênero, explicando sobre seu caráter oral e argumentativo que busca persuadir/convencer o ouvinte/leitor sobre a validade de uma opinião defendida.

Para isso, utilizará de um vídeo introdutório, explicando o que é, sua estruturação e sua organização, como forma de facilitar o entendimento dos alunos sobre as atividades que virão. O professor deverá entregar uma folha para os alunos, na qual os estudantes farão anotações a partir do vídeo com perguntas direcionadas (na imagem 9, apresento um modelo, a título de sugestão). Após assistirem ao vídeo e realizarem as anotações, a proposta é que socializem suas impressões com os colegas.

Vídeo Instituto Claro:

[Debate: saiba como organizar discussões em torno de temas polêmicos](#)

Imagem 9 -Ficha de orientação para otimização do recurso

Debate: o que é, como funciona e qual a sua importância social Prof. Roberto Araújo Turma 1

Sistematizando as informações

Faça anotações do vídeo segundo os quadros abaixo. Assim, podemos fazer um mapa do conhecimento oferecido. O vídeo tem aproximadamente 7 minutos de muita informação. Vamos aproveitar!



O que é e para que serve um debate?			
Como estruturar um debate?			
Como conduzir um debate?			
Como trabalhar o debate entre as disciplinas?			
Como avaliar os debates?			

Fonte: Arquivo pessoal.

Tarefa 2 - Condições de produção de um debate. O professor entregará as perguntas abaixo aos alunos que serão divididos em grupos. As perguntas abaixo são sugestões. Cabe ao professor selecionar, modificar ou ampliar para fins de atender melhor ao seu público. É essencial também ressaltar que não é necessário realizar as mesmas perguntas para todos os grupos.

1. Com base nas atividades promovidas em sala, nos vídeos assistidos e na aula expositiva, respondam com as suas palavras: qual é o propósito do debate?
2. A linguagem adotada no debate pode ser formal e informal. Apresentem exemplos de debates que se encaixem nas duas categorias citadas.
3. Em que tipo de mídia ou veículo é publicado o debate? Que tipo de debate é hoje de maior interesse público?
4. Quem são as pessoas que participam de debates? Podemos pensar que existem tipos de debates? O que é fundamental para um debate que promova realmente ideias?
5. Os assuntos tratados no debate são de que natureza?
6. Qual o perfil do público que assiste a debates?

7. O planejamento é indispensável para todos os participantes de um debate. De acordo com o entendimento de vocês, como deve ser feito um bom planejamento de debate?

Após a conclusão da atividade por parte dos grupos, solicite para que eles troquem as folhas entre si e escrevam um breve comentário, em uma folha à parte, com considerações a respeito do conteúdo produzido pelos colegas. Ao final, organize a sala em um círculo e promova uma discussão entre os educandos a partir das questões a seguir:

Dentre as questões propostas, qual vocês sentiram maior dificuldade em responder e por quê?

Tarefa 3 - Para esta etapa, o ideal é que o professor mantenha a roda de conversa, a mesma organizada para a atividade anterior. É fundamental que o docente divulgue o vídeo em sala, ainda que incompleto, para que os alunos possam visualizar mais um exemplo de debate transmitido pela televisão. Por se tratar de um tema polêmico, em que opiniões opostas entram em conflito, é imprescindível que o educador saiba intermediar os diálogos no decorrer da aula. Ao final da exibição, promova uma troca de ideias entre os discentes.

EXISTE RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL? | TBC DEBATE | 27/04/2021

Sugestões de perguntas norteadoras:

1. O mediador adotou uma postura o mais imparcial possível ou ele demonstrou preferência por um dos lados? Quais momentos do debate fundamentam as suas percepções?
2. Como vocês avaliam os posicionamentos dos debatedores?
3. Um dos debatedores, Frederico Rodrigues, realizou a leitura de determinadas informações. Na opinião de vocês, esse gesto denota insegurança ou demonstra preparo?
4. Em alguns momentos, o participante Frederico Rodrigues muda o foco de sua fala para outras questões, tais como partidos políticos e outras abordagens referentes ao racismo. O que essa atitude transmite para vocês?

5. Se pudessem fazer uma pergunta para cada um dos debatedores, quais perguntas fariam?

O VALOR DO ARGUMENTO E DO POSICIONAMENTO

(Tempo previsto: 8h/a de 45 minutos)

Tarefa 1 - Vamos evocar o que sabemos: O professor precisa realizar com a turma alguns questionamentos específicos, como forma de construir um engajamento em torno da temática que será abordada. Tais questionamentos são importantes, pois ajudam a fomentar um debate acerca de conceitos que, atualmente, estão enfraquecidos na sociedade, como a diferença entre ter uma opinião baseada no senso comum e uma opinião consistente.

1. Vocês sabem o que é argumentar?
2. Existe alguma diferença entre argumentar e ter uma opinião?
3. O que é opinar baseado no senso comum? Um exemplo de senso comum é: “Todo muçulmano é terrorista”. Que tipo de consequências pode trazer uma opinião desse tipo?
4. Vocês sabem o que é uma generalização? Um exemplo é: “Se dirige mal, deve ser mulher”. Além de uma forma machista de ver o mundo, a generalização contém uma injustiça. Vocês poderiam dar exemplos de generalização na sociedade?
5. Por que é importante ter uma opinião consistente e baseada em argumentos sólidos?

Ao final, o professor pode apresentar um texto de uma corrente de WhatsApp e solicitar aos alunos uma tarefa que é a que segue (Quadro 7).

Quadro 7- Texto de corrente que circula pelo WhatsApp¹²

A Europa morreu em Auschwitz Quem ou o que realmente morreu em Auschwitz? Aqui está um ponto de vista interessante.

Abaixo segue cópia de artigo escrito pelo escritor espanhol Sebastian Villar Rodríguez e publicado em jornal espanhol. Não é preciso muita imaginação para transmitir a mensagem ao resto da Europa – e talvez também ao resto do mundo.

Eu estava andando pelas ruas de Barcelona e de repente descobri uma verdade terrível - a Europa morreu em Auschwitz!!

Matamos seis milhões de judeus e os substituímos por 20 milhões de muçulmanos nas últimas quatro décadas !!.

¹² Para encontrar uma versão mais completa do texto para análise, acessar: <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2794946/colunistas/2023/10/auschwitz-o-inicio-da-decadencia>.

Em Auschwitz queimamos um grupo de pessoas que representavam cultura, pensamento, criatividade, talento. *Destruímos o povo escolhido, os verdadeiramente escolhidos, porque eles deram origem a pessoas grandes e maravilhosas que deram grandes contribuições ao mundo e, assim, mudaram o mundo*.

A contribuição do povo judeu hoje é sentida em todas as áreas da vida: Ciência, Arte, Comércio internacional e, acima de tudo, como Consciência do mundo.

Veja qualquer quadro de doadores em qualquer sinfonia, museu de arte, teatro, galeria de arte, centro de ciências, etc. Você verá muitos, muitos sobrenomes judeus. Estas são as pessoas que foram queimadas. Dos 6.000.000 que morreram, quantos cresceriam e se tornariam músicos, médicos, artistas, filantropos talentosos?

* Sob o pretexto de tolerância, e porque queríamos provar a nós próprios que estávamos curados das doenças do racismo e da intolerância, a Europa abriu as nossas portas a 20 milhões de muçulmanos, que nos trouxeram a estupidez e a ignorância, o extremismo religioso e a intolerância. Inclusive crime e pobreza, devido à falta de vontade de trabalhar e sustentar as suas famílias com orgulho*.

Eles explodiram nossos trens e transformaram nossas belas cidades espanholas no terceiro mundo, afogando-se na sujeira e no crime. Trancados nos apartamentos, eles recebem dinheiro de graça do governo, planejam o assassinato e a destruição de seus anfitriões inocentes.

E assim, na nossa miséria, trocamos a cultura pelo ódio fanático, a habilidade criativa pela habilidade destrutiva, a inteligência retardada e a superstição.

Substituímos a busca pela paz dos judeus europeus e o seu talento para um futuro melhor para os seus filhos, o seu apego determinado à vida (porque a vida é sagrada), para aqueles que perseguem a morte, por pessoas consumidas pelo desejo de morrer por si mesmas.

Outros, para os nossos filhos e os deles.

Que erro terrível a infeliz Europa cometeu!!.

Recentemente, a Grã-Bretanha debateu se deveria remover o Holocausto do seu currículo escolar porque "ofende" a população muçulmana (que afirma que nunca aconteceu). *Ainda não foi removido. No entanto, este é um sinal assustador do medo que domina o mundo e da facilidade com que todos os países sucumbem a ele*.

Hoje, já se passaram cerca de setenta anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. Este e-mail foi enviado como uma corrente memorial, em memória dos seis milhões de judeus, vinte milhões de russos, dez milhões de cristãos e mil e novecentos padres católicos que foram "assassinados, estuprados, queimados, famintos, espancados, submetidos a experiências humilhantes".

Agora, mais do que nunca, quando o Irã IR , entre outros, afirma que o Holocausto é um "mito", é necessário garantir que o mundo *nunca se esqueça!!*.

Quantos anos se passarão até que o ataque ao World Trade Center será declarado como "nunca aconteceu" porque fere alguns muçulmanos nos Estados Unidos?

Se a nossa herança judaico-cristã ofende os muçulmanos, eles deveriam fazer as malas e mudar-se para o Irã IR , para o Iraque IQ ou outro país muçulmano.

Devemos acordar a América, a Inglaterra, a Austrália e a Europa antes que seja tarde demais!

"Se você não está interessado nos assuntos do seu governo, então você está condenado a viver sob o domínio dos tolos".

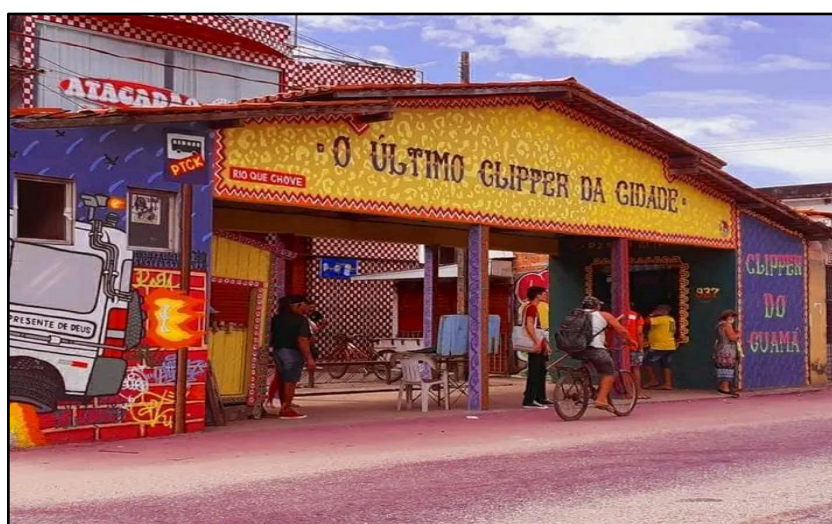
Por favor, não exclua esta mensagem; Levará apenas um minuto para encaminhá-lo.

(Este e-mail foi projetado para atingir 400 milhões de pessoas. Seja um elo na corrente da comemoração e ajude a divulgá-la pelo mundo!!)

Solicite aos alunos que realizem uma ampla investigação a respeito do texto acima. Há vários problemas em textos como essas que circulam em grupos (inclusive de professores) e que evidenciam o preconceito e o discurso de ódio. Aqui, a tarefa é descobrir, pela investigação, quais informações são falsas e de como elas podem fomentar a violência contra minorias. Outro ponto que pode também ser solicitado aos alunos é a construção de uma playlist comentada de programas das redes sociais ou textos que trazem informações seguras e confiáveis a respeito da questão tratada no texto acima.

Tarefa 2 - O meu bairro tem história: Nesta atividade, o professor vai propor que os alunos se organizem em pequenos grupos para tratar da seguinte questão: procurem, em sua comunidade, espaços ou pessoas que relatem um pouco a história da cidade, do seu bairro, que são maltratados pelo esquecimento do poder público. Vocês precisam registrar, por meio de vídeos ou imagens, o espaço público ou a pessoa e pensar na seguinte questão: o que eu perco ao não valorizar a minha história? Em uma aula, vocês vão expor para os colegas o seu registro e apresentar dois argumentos que apresentem propostas para resolver aquele problema específico (Imagem 10)

Imagem 10 - Fotografia de um Clipper do bairro do Guamá, Belém (Pará)



Fonte: Arquivo Pessoal (Foto tirada por um aluno).

Essa imagem representa o último clipper da cidade de Belém do Pará, no bairro do Guamá, o mais populoso da cidade. Há vários estudos interessantes acerca desses tipos de paradas de ônibus construídas antigamente. A fotografia foi tirada por um aluno durante a atividade proposta. Na ocasião, ele falou da importância

desse lugar para a vida dele. Mas depois descobri que é também um local importante para toda a história daquele local.

A ideia aqui é valorizar os espaços públicos, conhecer a cidade e propor caminhos para a preservação daquele espaço. Agora que já pensamos bem acerca do poder da argumentação e a importância de se posicionar de modo responsável, é hora de planejar coletivamente uma questão polêmica. Respostas são importantes, mas o que move a realidade é o questionamento. Essa é a terceira etapa desse percurso.

Tarefa 3 - Vamos construir juntos uma questão polêmica? Uma questão polêmica trata de um tema de interesse coletivo. Há algumas que conhecemos bem, como: “A redução da maioria penal ajuda a reduzir o quadro de violência no país?”; “O uso de armas reduz mesmo a violência no país?”. Após as reflexões trazidas pela atividade anterior, reúna os alunos em duplas e solicite que eles elaborem duas questões polêmicas interconectadas com a realidade da sua comunidade (na escola, em seu bairro, na sua casa, em sua família). A ideia é que possamos mapear essas questões e encontrar temas de convergência e de interesse do grupo.

Sugestão: O professor pode apresentar um quadro em uma próxima aula com os temas agrupados por blocos temáticos. Por exemplo:

Comunidade - Sou livre para utilizar a caixa de som na intensidade que quiser em minha casa?

Escola - Minha escola é mesmo democrática?

Sociedade - Posso postar o que quiser nas minhas redes sociais?

Após o momento de exposição, é importante definir coletivamente o tema que será trabalhado. Ressalta-se que, dentro dos temas mapeados, é preciso realizar os recortes necessários para um debate regrado.

Sugestão: Caso o professor queira realizar um jogo de questões polêmicas, há um material muito interessante no portal Escrevendo o Futuro. Clique [aqui](#) para ter acesso ao material.

Tarefa 4 - Planejando coletivamente o debate:

1ª ação: Escolher o tema do debate - Desde o início, forma desenvolvidas ações coletivas em que as propostas acontecem ao longo do processo. Nesse sentido, sugiro que a escolha do tema do debate possa partir dos próprios alunos. É importante, então, refletir com eles acerca de temas que podem fomentar um bom diálogo e um debate produtivo. Realize nesse primeiro momento um mapa de temas no quadro conforme a sugestão anterior, de elaboração das questões polêmicas e, após, coloque em votação.

2ª ação: Organização das ações - Pensar com os alunos a divisão das tarefas e dos grupos. Explicar o papel do mediador, por exemplo, para a manutenção do diálogo, como ele deve abrir o debate, explicar as regras, entre outras informações fundamentais. A divisão do tempo que cada grupo terá para expor seus argumentos; qual será o papel dos avaliadores - que avaliarão os argumentos apresentados e terão em mãos rubricas com critérios para avaliar os argumentos de cada grupo (após a construção das regras pelo grupo, o professor pode solicitar à coordenação da escola que sejam produzidas cópias para todos os que serão os avaliadores do quadro); como a plateia pode interagir e realizar perguntas; quantas perguntas poderão ser feitas. Todos esses passos precisam ser construídos com a turma. Quanto aos grupos, podem ser divididos da seguinte maneira.

Grupo 1 – Responsável pela defesa a respeito do tema escolhido pela turma;

Grupo 2 – Responsável pela contra-argumentação a respeito do tema;

Grupo 3 – Responsável pelos critérios a serem usados pelos alunos para avaliar os argumentos;

Grupo 4 – Responsável por toda a organização do debate (materiais, recursos que serão necessários).

3ª ação: Ao explicar as regras do debate, é fundamental que o educador tome para si também a responsabilidade de refletir com os educandos acerca da importância de um bom diálogo, que a troca de ideias precisa ser realizada de forma respeitosa e que, para isso, a linguagem deveria ser incisiva, mas não agressiva. O educador poderia apresentar no processo de tessitura do debate algumas práticas de comunicação não violenta. Aliás, um dos critérios a ser avaliado na argumentação dos grupos é verificar se a linguagem empregada é ofensiva. O importante é todos entenderem que a sociedade é mais saudável quando ela consegue manter o diálogo vivo, com pessoas que pensam de forma divergente e que se respeitam.

4ª ação: O professor vai dividir a turma em equipes. Para cada equipe, haverá um vídeo que deverá ser assistido. O professor pode montar grupos de WhatsApp e compartilhar os vídeos que serão analisados. Pode também solicitar aos alunos que promovam um debate no grupo a partir do que assistiram. Os vídeos terão como tema a Comunicação Não Violenta (CNV). O professor pode selecionar vídeos curtos (de até 15 minutos) e para eles pode bastar uma roda de conversa ao final, com o resultado dos debates; ou vídeos mais longos, mas com uma estratégia de um painel integrado de debates entre grupos, em que uma pessoa fica responsável pelas anotações do que é debatido e, ao final, há a socialização das produções. É essencial aqui, para o dia das socializações, que o professor convide o professor de filosofia da escola para integrar com atividade.

5ª ação: Para esta ação, é importante convidar o professor de filosofia. O professor precisa, em uma aula expositiva, apresentar algumas situações reais nas quais a ética é deixada de lado em debates. O educador pode, para construir as exemplificações, tomar algumas estratégias de Schopenhauer, como constante nos Quadro 8.

Quadro 8 - Algumas estratégias de Schopenhauer

Pressuposição: Fazer o oponente pressupor conceitos que não queria (1, 4).	Exemplo: “Ora, se todos os presidiários são pobres e os moradores de periferia são pobres, é natural admitir que todos os nossos criminosos são oriundos de lá”.
Aproximação: Apresentar opções claramente discrepantes para que o oponente aceite que o meio termo é também um dos dois (11).	Exemplo: “As feministas são tão agressivas quanto os machistas quando levamos em consideração que elas simplesmente querem o poder que os homens hoje têm”.

Fonte: Souza (2022)¹³.

6ª ação: Construção da avaliação do desempenho do debate. A partir do que foi debatido nos grupos, é essencial que, coletivamente, sejam criados critérios pela turma participante de avaliação do debate que será vivenciado nos grupos que argumentarão a respeito da temática escolhida.

7ª ação: Para o dia do debate, convém ao professor organizar a sala de forma que o modo de organização ou o arranjo didático do espaço da sala auxilie na potencialidade do diálogo. Após o momento do debate, reúna com os alunos e promova um diálogo acerca da importância dessa experiência e de que modo esse

¹³ Para consultar o trabalho completo, acessar: file:///C:/Users/rober/Downloads/classificacao_sistematica_das_38_estrategias_para_.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar que, atualmente, vivemos em uma sociedade fragmentada e dividida, pouco capaz de construir um debate legítimo em torno de temas que nos são caros e essenciais, surge a necessidade de encaminhar uma reflexão em todos os espaços públicos acerca da importância da argumentação ética a partir de uma escuta ou compreensão do outro. Seja em postagens nas redes sociais ou em notícias dos mais variados temas possíveis, como a vida de uma celebridade, há sempre alguém querendo inserir o esquema de polarização a que estamos submetidos. Comentários como “Faz o L” ou “Tá joia” em todos os momentos denotam a falta de seriedade com que o país trata os temas que lhes são relevantes.

O importante, assim, é a galhofa, em detrimento de uma análise profunda, séria e responsável dos problemas que afligem a sociedade. Ao considerar tais elementos, houve uma inquietação no sentido de propor um trabalho que envolvesse a sistematização de estratégias ou falácias argumentativas empregadas em debates ou diálogos em nosso cotidiano. Parti do ponto de que, em casos específicos, existe um método não de contraposição da palavra, mas de fomentar o caos por meio da desestruturação do outro, por meio da falta de empatia e do respeito. Tais estratégias foram estudadas por filósofos e analistas do discurso interessados em demonstrar como, por meio da linguagem, podemos nos transformar em pequenos monstros, contaminados a conta-gotas por ideologias que veiculam o ódio.

Sendo assim, o que observei, nas questões que evocam falta de ética no debate, é que há métodos e que eles podem ser pensados e caracterizados. Para maior clareza da proposta, foi retomado o pensamento filosófico e de historiadores que, debruçados sobre o fenômeno, procuraram compreendê-lo para que pudessem, por fim, pensar em propostas ou pontes para a retomada do diálogo em na sociedade.

A partir do movimento em contínuo fluxo por correntes teóricas diversas, tornou-se inviável a não exemplificação das questões apresentadas. Para tanto, houve a análise de textos, de suportes variados, que demonstram como a veiculação de falsas ideias e conceitos pode ser nociva para o exercício de uma democracia ativa.

É importante reiterar que o que proponho não é ridicularizar ninguém, seja o veiculador de notícias falsas ou de teorias conspiratórias, ou uma personalidade ou autoridade em específico, mas o intuito é refletir acerca de como podemos, todos, inconscientemente, reproduzir sistemas de pensamento que auxiliam a expansão da

violência do discurso. A escola, nesse sentido, é um dos espaços privilegiados para fomentar esse debate desde o início da educação básica, para que possamos evitar um impacto social negativo como o que presenciamos hoje, em que temos uma campanha forte contra a ciência, contra as questões climáticas, que são pautas que tratam da manutenção da vida no planeta e não podem ser refletidas a partir de uma visão polarizada e reducionista da vida.

A sociedade, na qual estamos inseridos, é demasiadamente complexa. Construída na lei do perecimento, tem por base as relações e objetos descartáveis, tudo vai do sublime à excrescência em pouquíssimo tempo. É também uma sociedade mergulhada na informação e hiperconectada, mas pouco capaz de fazer emergir uma voz própria, optando cada vez mais pela terceirização da inteligência, recorrendo a falsos especialistas que têm opinião acerca de todas as coisas sem ter domínio algum acerca de nenhuma delas. Uma sociedade que, enfim, tem a cada dia, orgulho da sua ignorância e que mais parece um capítulo de uma distopia que até alguns anos seria considerada apenas ficção.

No meio disso tudo, há uma juventude que necessita ser estimulada em sua criatividade, capacidade de reflexão e de pensamento por si mesma; por isso, é importante movimentar isso internamente, sob o risco de que seja tarde demais posteriormente.

Assim, procurei propor, neste trabalho, uma reflexão a ser feita com os jovens da educação básica acerca do fenômeno da retórica da violência e suas manifestações em diversos suportes. A partir disso, foi oferecida uma sugestão de contraponto a esse modelo, que instiga uma reflexão séria e clara da importância do debate saudável para a nossa sociedade.

A sequência de tarefas, oferecida ao educador, pode servir como ponto de partida ou reflexão para um trabalho de base, o qual considere a importância da construção do argumento de forma clara, a partir de evidências e que tenha, como elemento basilar, o respeito ao entendimento que o outro tem do mundo.

Ao professor cabe verificar se as tarefas aqui apresentadas podem dialogar com a sua realidade ou descartá-las, mas em hipótese alguma pode ele, o educador, se furtar ao debate e ignorá-lo, pois assim estabelecerá um pacto de mediocridade com o que está posto e estimulará a construção de uma sociedade cada vez mais autoritária, a qual inviabiliza o debate a partir de comportamentos e ideias estereotipadas.

Vale ressaltar que aos colegas professores o que aqui se apresenta é, indiscutivelmente, uma sugestão para o seu trabalho, e é essencial ao professor não abdicar de sua capacidade de criar e de expandir a sua voz também. Esse ponto é fundamental quando se observam tantas boas sugestões que podem não funcionar pelo descarte de um olhar mais cuidadoso para a realidade.

De toda forma, creio que estamos no limiar do caos social e as manifestações precisam vir agora, ou teremos consequências ainda mais severas em um futuro breve. E há método nesse processo. Como vamos proceder: reagir ou silenciar? A hora da escolha é agora.

REFERÊNCIAS

- BUGALHO, Henry. **Como vencer um debate tendo razão**: Por uma ética do debate racional. Planeta. Edição do Kindle, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 27 mai. 2024.
- DURANT, Will. **A história da filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2016.
- KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Companhia das Letras, 2021.
- OLIVEIRA, André Henrique Mendes Viana. Querer ter razão: vontade e intelecto na Dialética erística de Schopenhauer. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, v. 28, n. 03, p. 63-79, 2023.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva**. 1. ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2023.
- ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**. São Paulo: Editora Agora, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. (III parte), 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de Ter Razão**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ter razão**. Trad. de Petê Rissat. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga and Paralipomena**. Trad. E. F. J. Payne. Vol. I e II. New York: Oxford University Press, 2000.
- SOUZA, Euclides Barbosa. Classificação sistemática das “38 estratégias para vencer qualquer debate” de Arthur Schopenhauer. (2022). *Revista Opinião Filosófica*, 13, 1-11. <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v13.1027>. Disponível em: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v13.1027>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- SOUZA, Luiz Guilherme Bakker de Pinho *et al.* **A arte do discurso: uma investigação da dialética erística de Schopenhauer**. Rio de Janeiro: 2021 OU 2022.

SOUZA, Luiz Guilherme Bakker de Pinho. A Dialética Erística como Produto da Metafísica da Vontade. **Revista Ítaca**. Rio de Janeiro. n. 39, 2023.